

# ILUSTRAÇÃO



1.º ANO—Número 5

Lisboa, 1 de Março de 1926

PREÇO 4500

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão



# DeReszke

À venda na Tabacaria "A PHENIX"  
131, Rua 1.º de Dezembro 153 — LISBOA  
E NAS PRINCIPAIS TABACARIAS DO PAÍS



# CIGARETTES

TURCOS — EGÍPCIOS — VIRGINIA

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

H. MITCHELL, L.<sup>DA</sup>

Travessa da Ribeira Nova, 26 — LISBOA

## BELEZA NA DECORAÇÃO

O uso de uma tinta de qualidade superior como o PINTAMUR, dá aos vossos madeiramentos e paredes interiores um encanto e distinção que não se pode obter com qualquer outra tinta vulgar.

PINTAMUR é uma tinta a óleo que permite alcançar um acabamento aveludado, delicado, rico e de tão grande duração que se pode usar com a maior confiança sobre estuque, madeira, ferro ou pedra. Pode lavar-se sem receio de fendas ou arranhaduras. É mais barata que a Tinta a água e de maior duração.

Agentes gerais para Portugal: H. MITCHELL L.<sup>DA</sup>  
26, TRAVESSA DA RIBEIRA NOVA, 1.º — LISBOA

## PINTAMUR



PINTURA A ÓLEO PARA DECORAÇÃO

J. G. Rugeroni, 67, Rocio — LISBOA



# DODGE BROTHERS

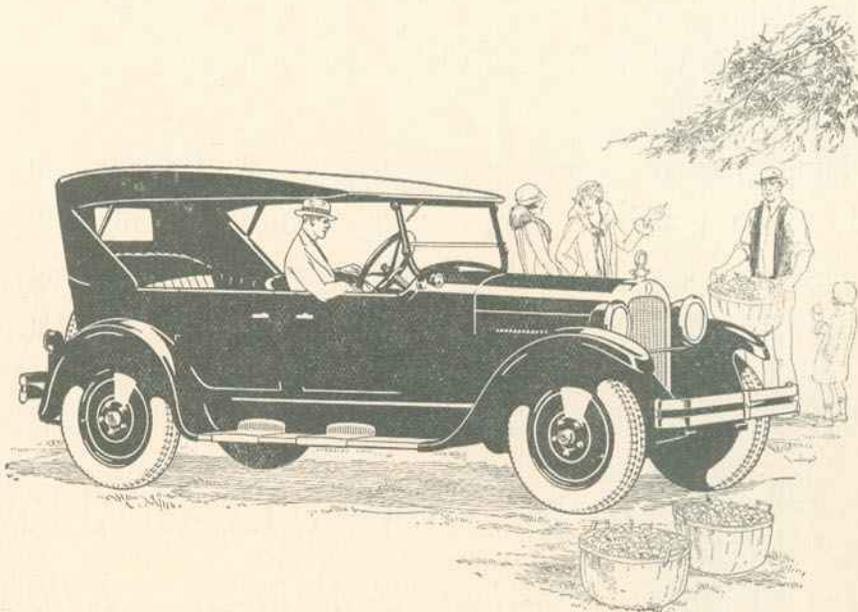
A constante e sempre crescente procura destes bem conhecidos carros, levaram "Dodge Brothers", Inc., a ampliar as suas fábricas com mais 18 pavilhões, cujo equipamento importou em \$10.000.000.

Daqui resultou uma quasi duplicação de produção que originou importantes reduções no preço de todos os seus modelos.

Em exposição, os últimos modelos de carros fechados e abertos.

BERNARDINO CORRÊA, L.<sup>DA</sup>

1, AVENIDA DA LIBERDADE LISBOA



AUTOMOVEIS

CAMIONS

# MORRIS

MORRIS-COWLEY

MORRIS-OXFORD

MORRIS-LEON BOLLEE

O MAIOR SUCESSO DA FABRICAÇÃO INGLEZA

*Maravilhosas provas de resistencia nas nossas estradas. Todos os aperfeiçoamentos modernos.*

A CHEGAR MODELOS DE 1926

Carro pequeno com as qualidades e aperfeiçoamentos do carro grande. — Todos os accessorios dos melhores fabricantes ingleses. — Instalação electrica Lucas (usada pelo Rolls-Royce). — 4 tipos de chassis — II tipos de carroserie.

AGENTES EXCLUSIVOS  
PARA  
PORTUGAL E COLONIAS

**A. M. ALMEIDA LIMITADA**

*Rua da Escola Politecnica, 37-A, 37-B — LISBOA*

**ROBBIALAC**

Vende-se em  
preto branco  
e cores

**ESMALTE PERFEITO**  
para Pintura de Automoveis etc.

## PODE-SE LAVAR — PODE-SE ESFREGAR À VONTADE

que a brilhante e bela superfície alcançada pela aplicação do ROBBIALAC não fica estragada, pois é este o esmalte ideal para todos os trabalhos, tanto nos automóveis, como em decorações interiores e exteriores. O ROBBIALAC escorre tão suave e por igual que se espalha sem mostrar vestígio algum da brocha. Secando, torna-se semelhante à porcelana apresentando uma superfície sem póros que resiste inalterável à acção destruidora da poeira e da sujidade. O ROBBIALAC é fornecido em branco e em todas as cores usuais, seja com brilho ou fôscas.

*PODE-SE OBTER NOS SEGUINTE DEPOSITOS:*

J. G. RUGERONI — 67, Rocio, LISBOA (Distrito)  
CANTO, L.<sup>da</sup> — Praça da Republica, 9, 11, COIM-  
BRA (Distrito)

J. P. DE MATOS — LEIRIA (Distrito)  
TULIO RITA FERRO — BEJA (Distrito)

AUTO-OMNIA, LIMITADA — Praça da Liberdade, 23, PORRO (Distrito)

Residentes em outros distritos devem dirigir-se a:  
H. MITCHELL, L.<sup>da</sup> — 26, Travessa da Ribeira Nova, 1.<sup>o</sup>, LISBOA



Evita contínuas  
despezas de lâminas novas

PRINCIPAIS VANTAGENS

- 1.º Dispositivo suavizador que permite dar à lâmina em dez segundos um fio finíssimo, sem haver necessidade de retirar a lâmina da máquina e sem necessitar de nenhum aparelho especial e custoso.
- 2.º Graças à qualidade do aço as lâminas podem servir 50 vezes ou mais evitando contínuas despezas de lâminas novas.
- 3.º A limpeza é extremamente fácil, não havendo necessidade de retirar a lâmina, nem de desaparafusar ou desmontar peça alguma.

AGÊNCIA: LACHAUD & C.<sup>A</sup>

44, RUA DOS FANQUEIROS — LISBOA

Brandão & Sequeira, L.<sup>da</sup>

RUA DA BETESGA, 35, 37 e 39

LISBOA

COMPLETO SORTIDO EM ARTIGOS DE FANQUEIRO, CAMISARIA, GRAVATARIA E ROUPARIA DE SENHORA

GRANDE E COMPLETO SORTIDO DE CHALES EM TODOS OS GENEROS

COMPLETO E VARIADO SORTIDO DE CACHENES DE LÃ E LENÇOS DE SEDA

SORTIDO COMPLETO DE PANOS BRANCOS E CRUS EM TODAS AS LARGURAS AOS MELHORES PREÇOS

PELUCHES DE LÃ E DE SEDA EM CORES E PRETO DE OTIMA QUALIDADE

Pedimos

o confronto dos nossos Preços

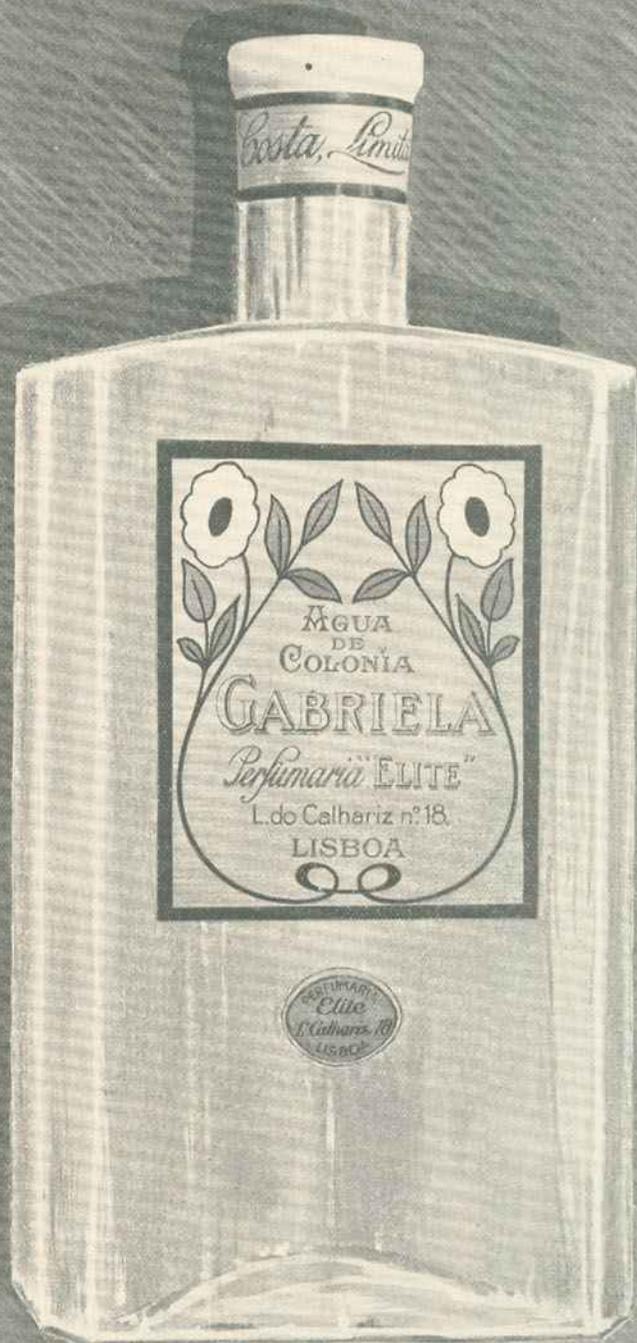
Jose Olalio & C.<sup>da</sup> (FILHO)

Mobilias  
Carpettes

CONFORTAVEIS GENERO MAPLE

R. Atalaia 36-40

TELEF. C. 3082



# GYRALDOSE

para a toilette intima da mulher

Excelente preparado não tóxico, descongestionante, anti-leucorreico resolutivo e cicatrizante. Perfume muito agradável. Uso contínuo muito económico. Dá um real bem estar.



O antiseptico que toda a mulher deve ter no seu tocador.

**A Gyraldose** é o antiseptico ideal para quem viaja. Apresenta-se em comprimidos esteveis e homogêneos. Cada dose lançada em dois litros d'água dá o soluto perfumado que a Parisiense adprou para os cuidados rituaes da sua pessoa.

Comunicados Acad. de Med. Paris, 14 Outubro 1915.

**SABÃO ANTISEPTICO**  
à base de  
**GYRALDOSE**  
Indispensavel para a toilette íntima e ás doenças da pele e do couro cabeludo.

**OVULOS**  
à base de  
**GYRALDOSE**  
Descongestionantes e antisepticos. Preventivos e assegurando a cura das doenças das senhoras.

A. VINCENT, Lda - CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL e COLONIAS Rua IVENS, 56 - TEL. 1858. C.

**GRANDES ARMAZENS DE NOVIDADES**  
**AU PRINTEMPS**  
DE PARIS

PARA OS CATALOGOS E TODO GENERO D'INFORMAÇÕES  
DIRIGIR-SE AO S.<sup>o</sup>  
**AVINCENT**  
RUA IVENS N.º 56. LISBOA.  
AOS S.<sup>rs</sup> LAGUIONIE & C.<sup>o</sup> AU PRINTEMPS, PARIS.

**DENTIFRICOS**  
**BENEDICTINS**  
DE SOULAC

ELIXIR PÓ SABÃO PASTA PASTA-SABÃO

**UN JOUR VIENDRA**

Perfume  
Perturbante  
Penetrante

**ARYS** 3, rue de la Paix PARIS

**FOX TROT**

Perfume  
em  
Voga

**ARYS**  
3, rue de la Paix  
PARIS

**TEINDELYS**

**ARYS**  
3, Rue de la Paix  
PARIS

Pó adberente  
Impalpavel  
(TODAS AS PARTES)

**TEINDELYS**

Creme para  
o rosto

Mantem o  
pó e assegura  
uma excelente  
coloração

dá uma  
Cór de Lyz

**ARYS** 3, rue de la Paix PARIS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA  
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

# ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.<sup>DA</sup>

R. Anchieta, 25 — Lisboa

.....  
DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANO 1.<sup>o</sup>—NÚMERO 5

.....  
1 DE MARÇO DE 1926



SUA EXCELENCIA SIR LANCELOT D. CARNEGIE

EMBAIXADOR DA INGLATERRA, QUE NO DIA 25 DO MÊS PASSADO OFERECEU UM BANQUETE A SUA EXCELENCIA O SR. DR. BERNARDINO MACHADO,  
PRESIDENTE DA REPÚBLICA, COM ASSISTÊNCIA DO CORPO DIPLOMÁTICO

## CRÓNICA DA QUINZENA

O grande acontecimento da quinzena, o grande assunto, o grande motivo, motivo esplendoroso e alto, indiscutivelmente aceite e consoladoramente bem vindo — foi o Sol.

Há um tempo a esta parte, o próprio tempo — talvez porque se tenha resolvido, tal qual prometem os governos, a entrar no caminho do bom senso — deliberou tornar-se lindo, ser razoável, ser pulido, ser gentil, quando se anunciam festas. As festas da Cidade nos últimos meses de outono e inverno não têm do tempo razão de queixa.

O Carnaval — e relemem-me que não diga nem mal nem bem do Carnaval, porque o Entrudo, como a identificação dos Painéis de S. Vicente leva as opiniões cada vez mais divididas —, o último Carnaval constituiu, a título justo de beneficência, uma semana de festas. E logo ali por sexta-feira magra o inverno pôs taipaís, e abriu-se o Sol. E ficou. Há quinze dias que dura. Como não somos lavradores, dasejariamos egoisticamente que êle nunca mais se fôsse embora.

Foi bem triste e lamacento este inverno! Tôda a leitura dos jornais nos tem pôsto diante dos olhos lama e tristeza. A vida portuguesa tornou-se sombria, duvidosa, sinistra. Houve mesmo uma semana em que choveu tanto, tanto, houve tanto lamaçal, tanto, tanto — que chegou a parecer que na nossa terra já não havia ninguém honrado.

Com o aparecimento do Sol começou a esclarecer-se um pouco mais a História... Os juizes começaram a trabalhar em seus gabinetes sem necessidade de luz eléctrica. E até se vai apurando que no caso do Angola e Metrópole o que houve foi muitos tolos que armaram em espertos, e alguns espertos que se deixaram cair em tolos.

Antes do aparecimento d'êste Sol, a meia claridade, o Sr. Afonso Dornelas julgou ver na sacristia de Pastrana, numa velha tapeçaria desfraldando estandartes, a decifração do problema das Tabuas do Sr. Dr. José de Figueiredo. Mas o tempo abriu. O Sr. Dr. Reynaldo dos Santos, com a sua visão imperturbável de investigador, tomou o comboio, e foi a velha igreja espanhola, e a luz do Sol viu claramente que a solução Dornelas — era um remendo.

Por sua banda, o governo, dominado o inverno de uma revolta episódica, e saindo da sombra, anuncia entrar corajosamente na actividade administrativa, e entrega no Parlamento — em cuja cúpula agora já brincam raios de sol — a solução dos Tabacos.

Manifestamente, e talvez porque ao contrário do teatro grego, que era ao ar livre, a Câmara

de S. Bento recebe o sol apenas coado — os experts não estão suficientemente esclarecidos. A «Régie» dos Tabacos, que quer dizer liberdade exercida pelo Estado, e a liberdade de comércio que significa que o Estado fica inteiramente prêso —, são o pômo da discórdia dos senhores parlamentares, empenhados todos em tirar do regime futuro a melhor vantagem para a comunidade.

Como a primavera está por vinte e cinco dias — e nós acreditamos religiosamente que o Tempo se não arrependêr de ter entrado no regime da tolerância, tal como está sucedendo, com muita cordealidade, as relações entre o Vaticano e o poder civil da República —, é de crer que faça ainda muito mais sol, um sol que não chegue a escalear, que seja apenas luz. E então a luz far-se há também nos espiritos.

A questão dos Tabacos que há vinte anos pôs em ruidosa agitação a sociedade portuguesa, renasceu agora na primavera, e não deixará de correr bonançosa, nesta República onde até as revoluções já não matam ninguém.

Dizem que a maioria democrática vai fazer questão fechada do seu ponto de vista, que é o da «Régie». É uma atitude, pelo menos, de coerência. Não se compreendia liberdade de opinião, num caso em que o critério predominante é contra a liberdade.

Mas mesmo como as janelas da opinião fechadas — o Sol há de entrar, através as vidraças limpadas das inteligências, com seus cortinados transparentes de isenção política. E tudo se passará na primavera. E tudo se resolverá pelo melhor.

Se lá para o outono vamos ter, ou não ter, de pagar mais caro este inocente vicio do fumo — é pergunta a que o meu cigarro, aqui a meu lado ardendo desdenhosamente, responde num lindo e azulado ponto de interrogação.

Uma nota interessante da quinzena: o espantoso aumento da circulação de automóveis. Veiu o Sol, e abriu as capotas dos carros. Deu a tôda a gente, de súbito, uma grande saúde do campo, ainda húmido mas brilhante, como os olhos de uma mulher que sorriem logo depois de terem chorado — e entrou-se no regime do Taxi. Com a ilusão de que é barato, não há ninguém que não comee a sentir o direito de ser proprietário de um automóvel — durante meia tarde.

Segundo os cálculos de uma pessoa nestes assuntos especializada em números — tão empíricos afinal como os das estatísticas oficiais — em automóveis nos quatro dias do Carnaval Lisboa fez girar 1.800 contos. Não me atrevo a

dizer, só para reforçar o espirito da crónica, que seja milagre do Sol. Mas não é, seguramente, o milagre de Lisboa enriquecida.

Lisboa oferece, assim, nesta última quinzena um aspecto novo de movimento e luz, que dá a ilusão de felicidade. A felicidade mesmo não é possui-la, mas supor possui-la. Os autênticos felizes da fortuna, apeiam-se dos automóveis para fazer o Chiado a pé, e verem, de perto, de que côr é a face alegríssima da desgraça.

Mas a verdade é que este aumento de circulação corresponde muito na economia de cada um — a um aumento de circulação fiduciária. Ninguém, contudo, toma por prodigalidade o que não é senão o natural desejo de viver. Em contraste com esta nova vida artificial, e por isso mesmo verdadeira numa cidade grande — olhem-me para a tristeza da tipoia! Triste o cocheiro, descendente do antigo «Parafuso» das batidas, tristes os cavalos, triste o taxímetro aplicado à boleia, tristes até os guardalamas, tristsisimo o pingalim! Tipoia do velho tempo: chegou-te o inverno, sem probabilidades de atingir outro verão! O Sol causa-te inveja, e não há-de por muito tempo luzir aos olhos dos que passam o esmalte do equivoco veludo do chapeu alto do último cocheiro de *coupé* de enterro!

Andaram por ai estes dias uns alemães turistas, vindos das frias terras do Norte, em transatlântico. Mostravam-se pasmados de tanta felicidade da luz e poeira de luz, de tanto sol e tanta ternura de sol.

Apearam-se no Rossio junto aos lagos — que já não jorram água! — e contemplaram na frieza emotiva dos seus olhos, estrangeiros desta luminosidade, as raparigas que vendem flores à beira dos passeios, com indignado protesto dos que exigiam tendas de cristal para a humildade vender violetas.

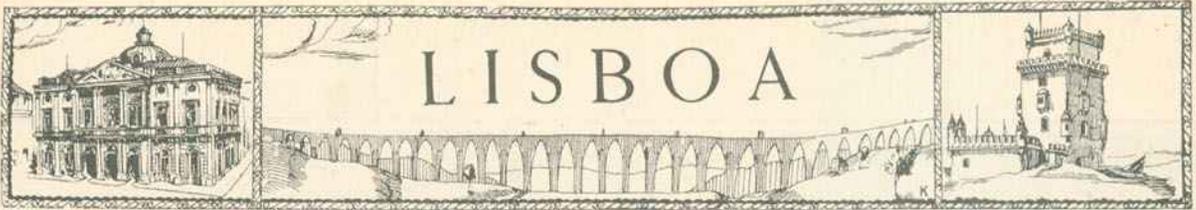
Se êles pensam — e a pesar da germanofobia tudo leva a crer que os alemães pensam —, êles haviam de dizer consigo: «que lindo país!»

Certamente tôda a nossa tristeza contemporânea de «baixo império», como agora dizem os comentadores sociais, estaria reflectida nas noticias pintadas a *guache*, dos *placards* do *Século* e *Noticias*. Mas os alemães não nos sabem ler...

Vir a Portugal à espera de uma revolução, e encontrar as pombas no meio das praças, as flores nos cabazes de trazer pelo braço, os taxis a correr, a correr, como em Wilhelmstrasse, tôda a gente com um sorriso nos lábios e a palavra felicidade estampada na fronte — que esplêndida política de confiança internacional nos está fornecendo o ministério do Sr. António Maria da Silva!

Abençoado Sol, embaixador de boa disposição de espirito!

NORBERTO DE ARAÚJO.



Grupo de convivas do banquete realizado na Legação da Argentina, em honra do feliz êxito da viagem dos aviadores espanhóis.



A colônia espanhola em visita de felicitações ao seu ministro, por motivo da conclusão do glorioso raid.

# ASPECTOS DO CARNAVAL



Dois interessantes grupos de crianças mascaradas no baile realizado na Avenida Palace na segunda feira gorda.



A criança que obteve o 1.º prêmio no baile infantil no salão do Teatro Nacional.



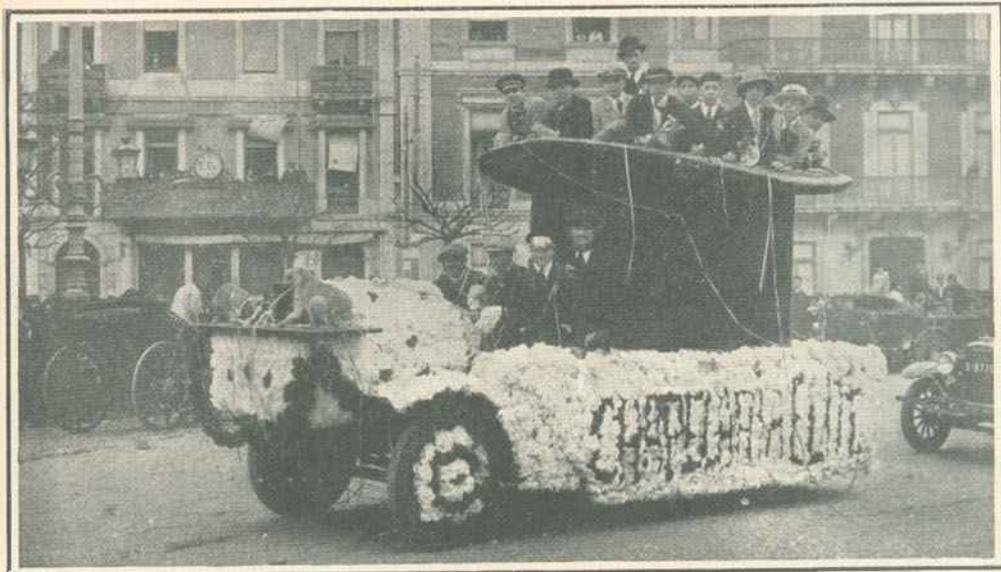
Automovel-miniatura que fez sensação no corso da Avenida da Liberdade.



O menino Frederico de Santa Clara Duil Burnay em travesse de 1820.



Dois aspectos da assistência ao baile de caridade realizado na segunda feira de carnaval no Avenida Palace.



O carro ornamentado da chapetaria *Elite* e que obteve um prêmio.



O carro-reclame do fogão *Recurve*.

As cozinhas antiga e moderna. Carro que obteve a Taça da Associação Comercial.



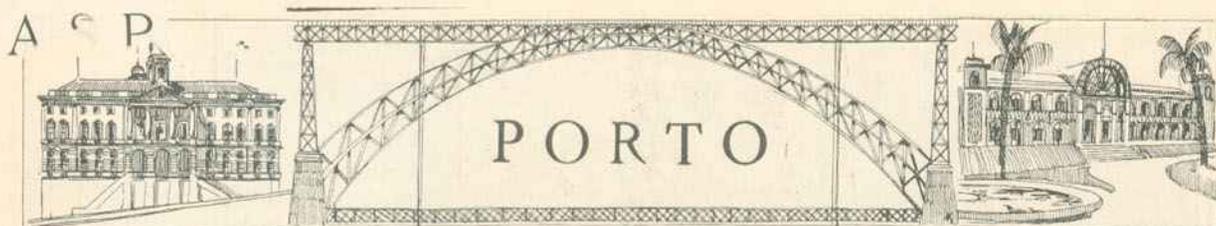
A menina Vera Santos David, mascarada de *Feerie*.



A menina Maria Antonina da Silva Tavares mascarada de *Maravija*.



A menina Raquel Santos David, mascarada de *Feerie*.



## O DOURO

### O QUE OS BAIRROS RIBEIRINHOS SOFREM COM AS INUNDAÇÕES

QUANDO a invernia aperta e as chuvadas prometem uma *reprise* da scena biblica do Dilúvio, já os bons dos portuenses sabem que o Douro lhes vai fazer partida. Da Régua chega-lhes logo o alarme: o rio sobe de nivel. E, se a chuva teima, dentro em pouco eis que as suas águas, engrossando cada vez mais ao longo das imponentes



serranias, ao desembocarem junto da afanosa capital do norte, trasbordam do leito, galgam os cais e invadem as ruas adjacentes do povoado.

Então, para entrar ou sair de casa, os moradores desses bairros ribeirinhos têm de improvisar uma frota fluvial, como se o Porto fôsse Veneza ou qualquer outro burgo assente entre canais. Os episódios em que há ensêjo de patentear habilidades acrobáticas sucedem-se, com escaladas a varandas, difíceis equilíbrios em pranchas e outras proezas similares.

A vida dessa parte da cidade oferece nessas ocasiões aspectos muito curiosos pelo seu pitoresco, tais como os que as nossas gravuras reflectem.

Achámos interessante fixá-las nas nossas páginas, agora que o bom tempo, cheio de eflúvios duma primavera precoce, veio dissipar as más lembranças desses temporais.

Evocando, em pleno burgo, as gloriosas façanhas marítimas dos nossos avós...

De que maneira uma mulher de Miragóia se abasteceu de água num fontenário sito no meio duma rua.

Uma carroça da União Fabril atravessando, se mi-imersa, uma rua de Miragóia, em frente da Alameda.



# ASPECTOS DO CARNAVAL



Grupo de assistentes ao baile infantil no Teatro S. João



A comissão organizadora do mesmo baile, vendo-se no grupo as actrizes D. Lucinda e D. Lucilla Simões e os srs. Teixeira Lopes, Erico Braga e Dr. Aníbal de Morais



Meninos da primeira sociedade da Foz numa festa em honra da directora do seu colégio



As crianças dançando no baile infantil no Teatro S. João



Os filhos do sr. Francisco Borges, sócio da conhecida casa bancária Borges & Irmão

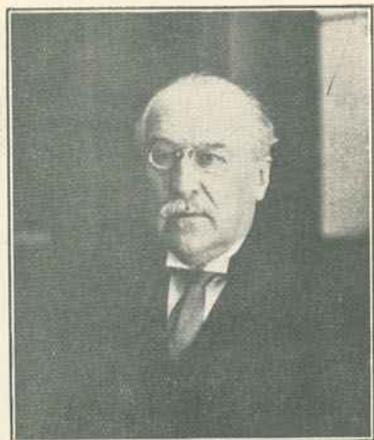


Os meninos Pereira da Costa e Lelos

# ESTRANGEIRO



(Clichê ENIT)  
Missolini e o Conte Volpi. — Fotografia tirada no palácio Chigi após o regresso de Inglaterra do segundo, que ali obteve um triunfo para a Itália com a redução da sua dívida



Os imortais franceses. — O novo académico  
Mr. EMILE PICARD



(Clichê ENIT)  
Roma junta ao esplendor dos seus monumentos antigos a beleza de modernas obras de arte. A gravura representa a quadriga que foi agora colocada sobre o imponente palácio da justiça



O carnaval em Nice. O carro de Sua Magestade o Rei da folia no cortejo

O carnaval em Paris. Um engraçado cortejo da mocidade académica

# SOCIEDADE ELEGANTE



A ES.<sup>ma</sup> SENHORA D. ANTÔNIA DA CAMARA REBELO DE ANDRADE  
Esposa do distinto engenheiro sr. Augusto Rebelo de Andrade e que ocupa na nossa primeira sociedade um lugar de destaque,  
com o seu filhinho João

## N O T E A T R O

UMA GRANDE  
INTÉRPRETE

**E** muido dum salvo conduto de Poncius Pilatus, pude atravessar livremente o país da Judeia até pisar as terras de Antipas. Foi — como V. Ex.ª — devem saber pela reportagem de Renan — quando a alegre Galiléa celebrava com festas a vinda do Bem-Amado, enquanto o triste Joabhan na sua prisão de Machero, se extenuava de impaciência e ansiedade.

Tardavam em volver os emissários que mandara a Jesus a saber se em verdade era Este o Messias... E entre dúvidas e esperanças, desganhado e imundo, o bom profeta rugia na sua jaula. E Salomé dançava!...

No final do Banquete, sob os seus sete véus mais brilhantes que as sete lâmpadas da Virtude, pois eram como sete nuvens pela aurora da sua carne iluminadas — a Filha de Herodiada serpenteava ante o bêbado Tetrarcha na dança mais terrível que, até esse dia, os homens tinham visto!

Entre os convivas um hóspede moço e louro mantinha-se sereno, livre ante o prestígio da

figuras de amorosas se puzeram a puchar por mim dizendo-me cada uma o seu caso... E uma pequenina tosse seca que mais me comoveu por que era sinal de morte certa, me foi guiando enternecido até terras de França, ao Paris romântico de M. Dumas filho... E a Duma das Camélias morreu ante meus olhos, dum morte de ave, num doce e último suspiro de alma infantil que ascende aos céus!

... E tudo isto, leitores, me aconteceu, há pouco, numa hora breve, em rápida conversa com alguém, que é *medium* ilustre onde vêm habitar tôdas estas almas, e tantas outras de que não falo, para não desmerecer com minhas palavras o prestigioso encanto daquela hora.

Tudo isto, leitores, me aconteceu ouvindo a notável actriz e nobilíssima Senhora, dona Amélia Rey-Colaço.

A verdade é que, pela vez primeira, me apeeteceu ser indiscreto, e saber quando e como se revela uma grande vocação.

Mas a ilustre actriz tem um como que íntimo prazer em desenobrecer qualquer tentativa de



(Cliché Fot. Brasil)

quem lhe quisesse bordar alguma romântica legenda, e cheia de imenso orgulho na simplicidade da sua vida e dum profundo respeito pela sua Arte, é com a mais perfeita naturalidade que nos conta o seu caso em que não há sobresaltos de maior.

— O meu primeiro contacto com o Teatro, eu lho conto: tinha três anos e fui com minhas irmãs, acompanhadas por uma velha criada, ver uma mágica. Pois ao subir o pano tive um tão grande susto e desatei em tão escandaloso berreiro, que o público indignado exigiu a minha saída. E fui expulsa do teatro. Para início!...

— Tempos bárbaros, em que era pôsto fora quem interrompesse um espectáculo!

... Depois, aos sete anos, fiz um grande sucesso numa festa em casa da Senhora Duquesa de Palmela... A Senhora Duquesa disse a meu Pai que eu tinha que ser actriz! Não faço ideia nenhuma dos meus talentos desse tempo, mas a verdade é que tanto eu como meu Pai, acreditámos piamente nas palavras daquela Senhora. Devo dizer que meu Pai era mais infantil do que nós quando de nós se tratava. Hoje já tenho idade para supor que aquelas palavras não eram mais que uma prova da extrema bondade dum alto e bondoso espirito de fidalga e de artista... Mas a verdade é que a frase de muito me serviu, mais tarde, para convencer meus Pais a deixarem-me ser actriz. Outras influências...

— Filha de um grande artista, músico eminente, a Mãe de V. Excelência, Senhora de tanto talento e excepcional cultura...

— Agradeço-lhe muito o que está dizendo de meus Pais, e devo confessar que a educação literária e musical que recebi de muito me tem servido. E, agora, para a dança da Salomé...

— Tem um grande entusiasmo por essa figura?...

— Enorme! Tão grande como o meu medo! É o meu grande sonho, mas é um sonho terrível! Raul Lino, o arquitecto de tanto valor e tanto gosto, veio-nos ajudar e, em cenários, verá que maravilhas êle projecta... Como sabe dou a maior importância a *mise-en-scene*. Sou ainda hoje perseguida pela decisiva influência que em mim exerceu o supremo artista que é Max Reinhardt, o transformador de todos os palcos modernos. Tudo o que de belo se está fazendo lá fora a êle especialmente se deve. Vai ter para Abril a Pitöeff na Sainte Jeanne. Verá que encanto e nobreza de cenários.

— E o Politeama não nos dará uma Sainte Jeanne?

— Eu vi a Pitöeff! É um assombro! É de assustar...

FRIEL CARLOS.



No «Entre Giestas»

voluptuosa dança, e, atento, ia tentando modelar em bárbaras palavras o ritmo desse corpo de pomba e de serpente... Disseram-me depois que se chamava Wilde e viera de longínquas terras do Norte a ver a Salomé, depois de ter vagueado três dias e sete noites por entre as poeiras cinerárias de Sodoma... E Salomé dançava! *Quand Marco dansai*...

E ia murmurando para mim mesmo, aquilo do Verlaine quando a vi estender a mão a pedir a cabeça do Baptista...

Dali me parti antes que Antipas se decidisse ao negro crime, e não sei porque artes, galghei perto de vinte séculos sem sentir, e encontrei-me em Portugal, *Entre giestas*, numa aldeia toda alvoraçada, sinos tocando a rebute, gritos aflitivos de gente a pedir socorro, o lagar do António Geadas a arder em chamas. Surrateira, escondendo-se na sombra das casas baixas, foi que eu topei a Clara, dada à luz pelo Carlos Selvagem, aqui há anos, numa primeira promessa de talento excepcional que outras provas superiores já deu de si, garantia segura de gloriosíssimo futuro.

Largo tempo demorou nossa conversa em que a moça me abriu todo o seu peito, seu negro crime e sua grande mágoa, e, parece que ciosas da minha atenção com aquela pobre, butras



(Cliché Fot. Brasil)

## AS GRANDES QUESTÕES INTERNACIONAIS

## A EUROPA PERDEU A HEGEMONIA SOBRE O MUNDO

O equilíbrio político do mundo entrou numa fase aguda de transformação. Habitados a reduzir quasi exclusivamente a nossa politica exterior aos fortes apoios duma aliança secular, devemos reagir contra a inércia mental que nos dispõe a encarar o presente e o futuro, como uma simples continuação do passado.

A Grande Guerra, cujas maiores consequências mal começam a sentir-se, abriu uma era nova na história da Humanidade. A Europa perdeu a hegemonia politica e intelectual sobre o mundo. Eis o prólogo das grandes transformações que estão em via de realizar-se nas relações entre os diversos continentes.

Como consequência, as questões de politica internacional aumentaram súbitamente de interesse para toda a gente; e são hoje um dos assuntos predilectos nas conferências que os postos de telefonia sem fios, em cada capital da Europa transmitem à nação respectiva. Para exemplo informaremos que actualmente o posto da *École supérieure des P. T. T.* de Paris transmite à França a terceira série de conferências sobre assuntos internacionais, com o titulo de *Os Problemas do Pacifico*, realisada por um dos homens mais eminentes da sciência francesa contemporânea, o mestre de Geografia humana, Jean Brunhes.

Ao começar o século xv, o mundo conhecido abrangia apenas a Europa, o norte e uma faixa oriental da África e uma grande parte da Ásia principalmente o Próximo Oriente. Desconheciam-se quasi toda a África e as Américas, defendidas pelos terrores do Oceano Tenebroso, e o golfo imenso do Pacifico povoado de ilhas e escondendo o continente australiano. Em pouco mais dum século, todavia, Portugal, já por si, já pela sciência nautica e o impulso descobridor, que emprestou aos outros povos, dava à Europa o domínio de todos os oceanos do planeta. Foi esse o facto culminante durante os últimos cinco séculos na história da humanidade. Com esse poderoso instrumento de domínio, em breve o nosso pequeno continente impunha a hegemonia sobre o mundo. Atrás de nós, a Espanha, a Inglaterra, a Holanda, a França, a Alemanha, a Itália lançavam-se à conquista das regiões distantes; e a Europa assumia por essa forma, desde o século xvi, um carácter essencialmente imperialista e colonisante e estendia a sua influencia civilisadora aos demais continentes. Em certo momento da história as Américas, a África, a Oceania e a Ásia tropical foram colónias da Europa. E se ao começar o século xx já o velho equilibrio politico do mundo ameaçava romper-se pela emancipação dos povos americanos e a vitória dos Estados Unidos sobre a Espanha e do Japão sobre a Rússia, só a Grande Guerra viria consumir essa ameaça.

Três causas essenciais marcam a queda da hegemonia politica da Europa e as tendências para um novo equilibrio internacional: o enfraquecimento cada vez mais acusado dos impérios coloniais, — base daquele antigo dominio; a importância que os Estados Unidos assumiram na politica da Europa; e finalmente o despertar da Ásia, em massa, para a autonomia politica.

Com efeito, não só os impérios coloniais se limitam hoje à África, Austrália, ilhas da Oceania e Ásia tropical, mas os laços, que unem as colónias às metrópoles respectivas, tornam-se cada vez mais frouxos, a ponto de parecerem por vezes desatados. Esse facto mostra-se com toda a evidência exactamente no maior daqueles impérios, — o britânico. Depois da Grande Guerra ele tornou-se antes, na verdade, numa confederação de Estados. «De hoje em diante, — escreve-se na *Mission française en Australie*, de 1919, — a Austrália é uma nação. A autonomia que a Inglaterra lhe reconhece, vai quasi até à independência de facto se não de direito. A Austrália faz as suas próprias leis, apenas submetidas à assinatura dos seus governadores, que praticamente nunca as recusam; ela estabelece igualmente as suas tarifas aduaneiras e regula as relações comerciais com o estrangeiro.» O que se diz da Austrália pode mais ou menos aplicar-se à África do Sul e ao Canadá. Devemos observar ainda que na Sociedade das Nações esses grandes *Dominios* obtiveram uma representação igual em dignidade e em numero às da Inglaterra e da França.

Como é natural a autonomia dos Dominios não podia deixar de reflectir-se na politica internacional da Gran-Bretanha; e foi o que sucedeu recentemente em relação ao problema do Pacifico. A questão do Pacifico é essencialmente uma questão de equilibrio demográfico entre o Japão, a América e a Austrália. Enquanto que a população do Japão, — 60 milhões de habitantes, a 146 por quilómetro quadrado — aumenta meio milhão por ano e sufoca nos estreitos limites do arquipélago, as terras americanas e australianas que lhe estão em frente alimentam uma população muito menos densa e prolifera — 2 habitantes por quilómetro quadrado no Oeste americano e 1 por dois quilómetros na Austrália. Às necessidades imperiosas de emigração japoneza, todavia, a América, e a Austrália têm oposto os maiores e por vezes mais vexatórios obstáculos. E como os Estados-Unidos acabaram por declarar os japonezes *indesejáveis* no seu território, não escondendo as razões da côr, existe desde então um conflito declarado entre as duas nações.

A Inglaterra tinha de se decidir por um ou outro dos dois beligerantes eventuais. Ligada ao Japão por um tratado de aliança, não a prendiam

menos aos Estados-Unidos os laços do sangue e dos interesses. Mas os três *Dominios* marginaes do Pacifico, — O Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, ameaçados pelos mesmos perigos da emigração e da hegemonia naval nipónicas, solidários no principio da *racial discrimination* com os Estados-Unidos, acabaram por impor ao gabinete inglês a sua orientação, e a Gran-Bretanha viu-se forçada a abandonar a aliança com o Japão, collocando-se abertamente ao lado da América durante a conferência de Washington. Hoje no Pacifico, encontram-se, frente a frente, o Japão e o bloco anglo-saxão.

Eis, pois, uma grande lição para retermos: os Dominios impõem a sua politica internacional à Gran-Bretanha, — facto inteiramente novo e que de futuro pode acarretar modificações mais vastas nas relações internacionais da Inglaterra.

Enquanto no Pacifico as antigas colónias inglesas firmam cada vez mais a sua autonomia e influencia, assim a África do Sul consolida a sua independência e procura impor a sua politica em relação a todo o continente. Hoje o que, em boa verdade, resta do dominio inglês nessas novas nações, já de facto desligadas do poder pátrio, são as facilidades aduaneiras para os produtos ingleses, conhecidas pelo nome de *preferência imperial*.

Como consequência também da Grande Guerra, os Estados-Unidos, que pela abertura e posse do Canal do Panamá haviam já acrescido enormemente a sua influencia económica e naval no Pacifico, viram de súbito multiplicado o seu dominio, pelo deslocamento da hegemonia financeira, que entre 1914 e 1918 se fez da Europa para a América. Por esses motivos, em grande parte, já não é a Inglaterra mas o bloco anglo-saxão que domina os mares.

Finalmente a Ásia, em péso revolta-se contra o Ocidente. A seguir ao Japão, que em 1905 infligia um terrível desbarato à Rússia, seguem-se a Índia, agitada por um formidável movimento nacionalista contra o dominio inglês; a Turquia que em 1922 vence a Grécia e afasta vitoriosamente a ingerência britânica nos seus negócios; a China que se ergue contra os europeus; e até a Arábia, que tão recentemente sacudiu o protectorado da Inglaterra, grave ameaça sobre o Canal de Suez, chave da hegemonia inglesa no Indico. Acresce que a Rússia que se considera hoje, e nós podemos considerar politicamente uma nação asiática, firmou em 1925 um tratado de amizade com o Japão. A esta imensa e ameaçadora ruptura do equilibrio politico do mundo, que até aqui se fundava sobre a hegemonia da Europa, procura a Sociedade das Nações opor os seus pactos, os seus entendimentos, a sua influencia.

Mas poderá ela conciliar tantos opostos interesses e resolver pela paz os terríveis conflitos económicos em marcha? e que até aqui só encontraram solução na guerra?



# Colónias Portuguesas



LOURENÇO MARQUES. — A praça Azereido, uma das mais lindas da cidade e ao fundo da qual está situada a nova estação do caminho de ferro para o Transvaal

## MOÇAMBIQUE

**C**ONTINUANDO NO NOSSO propósito de, através destas ligeiras crónicas, falar aos leitores da *Ilustração* de cada uma das nossas colónias, procuramos hoje dar-lhes uma ideia do que é e vale Moçambique.

Em 10 de Janeiro de 1498 foi a actual provincia de Moçambique avistada por Vasco da Gama, na sua gloriosa viagem da descoberta do caminho marítimo para a Índia, tendo então mandado colocar em terra o padrão de S. Rafael, junto ao rio que desagua em Quelimane, a que chamou dos Bons Sinais. Em 1505 estabelecia-se a primeira capitania em Sofala, de cuja fortaleza, então construída, ainda restam venerandas ruínas, tendo sido Pedro de Anaia, que lá morreu, o seu primeiro capitão.

Os limites de Moçambique só ficaram completamente definidos pelo tratado com a Inglaterra, de 11 de Junho de 1891, depois do ultrajante *ultimatum* que ela nos enviara, sendo nós espoliados pela força dos territórios que pelo centro d'África ligavam esta colónia com Angola, constituindo em conjunto o célebre «mapa cor de rosa» de Barros Gomes.

Ficou assim esta nossa provincia ultramarina reduzida à sua actual superficie de 760.000 km<sup>2</sup>, mesmo assim 8,3 vezes maior do que a metrópole. Limitada ao norte pelo território de Tanganika, denominação que os ingleses deram à antiga África Occidental Alemã, que administram como mandatários da S. D. N., a oeste pela Niassalândia, Rodézia e Transvaal e ao sul pela Suazilândia, tem a leste o Oceano Indico como fronteira natural.

A orografia de Moçambique é muito irregular

e não tendo os extensos planaltos de grande altitude que se encontram em Angola e tão próprios para a fixação da raça branca, tem contudo zonas altas ao sul da provincia de bom clima e perfeitamente colonizáveis.

Em toda a provincia se encontram montes com altitudes superiores a 2.000<sup>m</sup>, sendo contudo o mais alto o pico de Namuli, no maciço orográfico do mesmo nome, no distrito de Moçambique, que atinge 2.700<sup>m</sup>.

A população de Moçambique orça por 3.000.000

de habitantes, o que dá uma densidade de 4 por km<sup>2</sup>, um pouco superior à de Angola.

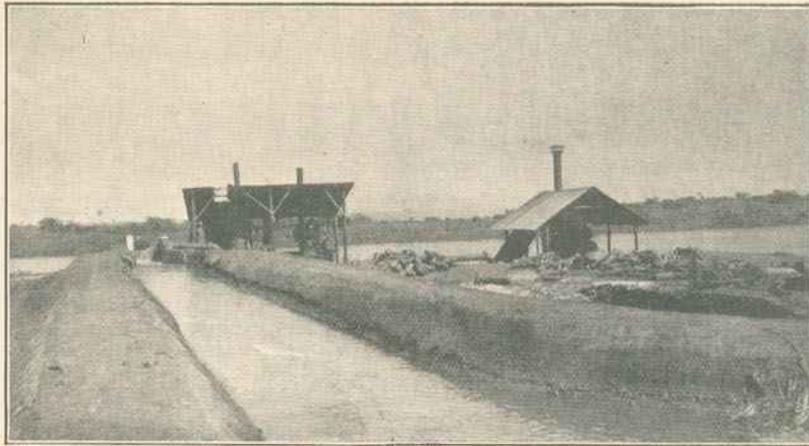
A situação desta nossa colónia, zona litoral dêsse riquíssimo *hinterland* que são a Rodézia e o Transvaal, dá-lhe uma importância extraordinária. Na verdade o porto de Lourenço Marques, testa do importante caminho de ferro por onde se drena a maior parte do carvão transvaaliano e grandes quantidades de outros produtos, especialmente cereais, e o porto da Beira, mais ao norte, igualmente testa doutro importante caminho de ferro por onde drenam os produtos da Rodézia e grande parte do cobre das minas da Katanga e ainda do caminho de ferro da Zambézia, que servindo esta riquíssima região, dentro em pouco, com a construção da grande ponte sobre o Zambeze, transportará os produtos da Niassalândia, tem uma alta função a desempenhar, não só para nós como para os territórios ingleses e sul africanos que servem. O tráfego carvoeiro do porto de Lourenço Marques foi em 1924 de 743.181 toneladas tendo já atingido, em 1920, 1.158.634 toneladas, e o tráfego do porto da Beira pela última estatística foi de 611.090. A Provincia de Moçambique tem hoje mais de 1200 km. de caminho de ferro.

Tudo isto mostra o valor enorme desta colónia no que diz respeito à necessidade que dos portos têm os seus vizinhos e explica as desmedidas ambições que desperta nos imperialistas sul africanos.

Independentemente porém dêsse valor internacional que lhe provém da sua situação geográfica, Moçambique tem no seu solo inesauríveis tesouros, ainda muito pouco explorados, que a agricultura e a industria mineira, cada vez mais florescentes, vão valorizando. Há nesta colónia imensas plantações de cana de açúcar,



LOURENÇO MARQUES. — A mesquita dos mouros, onde estes fazem as suas orações, seguindo o seu ritual.



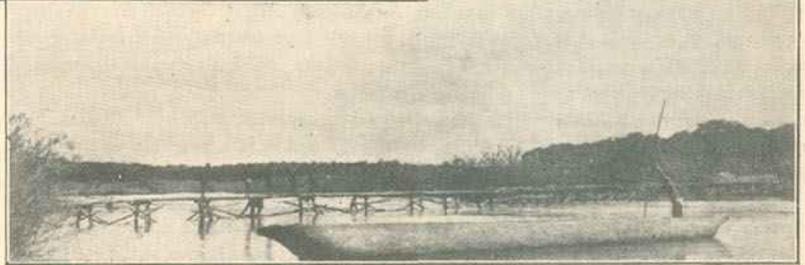
Bombas para irrigação de terrenos açucareiros trabalhando no rio Chiamba

com fábricas como as maiores conhecidas; tendo exportado em 1923, 14.525 toneladas de açúcar (em 1914, mais de 33.000) é lá que se encontram as maiores plantações de coqueiros de todo o mundo, tendo exportado no mesmo ano 12.000 toneladas da copra que essa preciosa planta produz; as suas plantações de sizal, tabaco, chá, algodão e milho são cada vez mais importantes, fazendo prever para a agricultura um futuro cada vez mais brilhante. São também importantíssimas as produções de amendoim, (11.000 toneladas em 1923), cera, gergelim, feijão, casca de margal, etc.

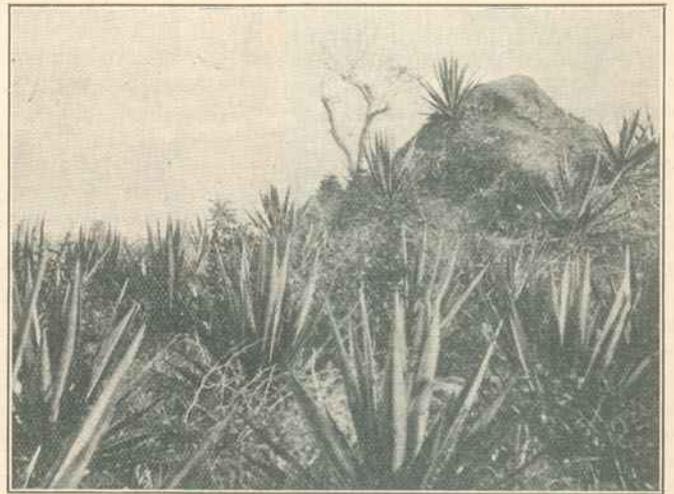
Há várias empresas mineiras já explorando, ou em via de exploração, do ouro, pedras preciosas, carvão, petróleo, cobre, estanho, volfrâmio, etc., etc., em que o sub-solo da colônia é riquíssimo.



Uma pitoresca queda de água no rio Licungo.



Uma ponte sobre o rio Lugella, construída em 11 dias, para a passagem dos produtos para Macuba



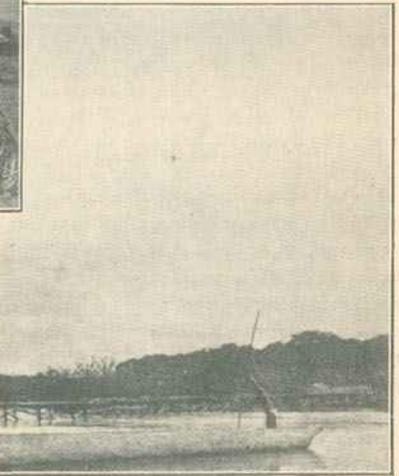
Vista duma plantação de sizal na Chupanga

E para terminar estas rápidas notas que procuram esboçar uma ideia geral do que é esta nossa preciosa colônia, duas palavras sobre Lourenço Marques, a mais importante das nossas cidades coloniais, honra da capacidade colonizadora dos portugueses.

Sendo a capital da província é o seu valor e importância, ainda extraordinariamente aumentado pelo seu magnífico porto, um dos melhores e mais bem apetrechados de toda a África e que tantos milhões de libras nos tem custado. Cidade moder-

na, com magníficos edifícios, teatros, esplêndidos hotéis, campos de corridas, carros eléctricos, perfeitamente saneada, já com uma grande população europeia fixa e onde se encontra tudo o que a moderna civilização proporciona, pode fazer inveja à grande maioria das nossas cidades metropolitanas.

Lourenço Marques encontra-se pela



na situação, em condições invejáveis de poder suplantar, desde que haja o necessário e imprescindível critério e normas de sua administração, qualquer outra cidade da África Oriental.

Por todas as indicações já apresentadas que facilmente provam as facilidades de vida, sob todos os pontos de vista, para a aglomeração de grandes núcleos europeus, pode-se afirmar, sem receio de contestação, que a cidade de Lourenço Marques será em breves anos considerada como a primeira e mais importante de todas, daquela costa.

A província de Moçambique constitui um dos mais altos padrões da capacidade e esforço colonizador dos portugueses.

A. Z. C.

## A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

*(Continuação do n.º 4)*

V

HESTER TRABALHANDO

**A** CABANA o tempo de prisão de Hester Prynne. Aberta a porta da cadeia, saiu para a luz do sol, que, luzindo igualmente sobre todos, parecia, à sua alma angustiada e dorida, não resplandecer senão para revelar a letra encarnada que ela trazia no peito. Talvez houvesse mais real tortura nos seus primeiros passos desacompanhados, quando transpôs o limiar da prisão, que até no cortejo e no espectáculo que ficaram descritos, quando a tornaram objecto da geral infâmia, para que todos deviam apontar com o dedo. Sustentara-a, naquelas horas, uma tensão nervosa extraordinária, e toda a energia combativa do seu carácter, que lhe tornara possível converter aquela exibição numa espécie de triunfo sinistro. Era, de mais a mais, um acontecimento único e isolado, que só uma vez ocorreria em sua vida, e para afrontar o qual, ela podia portanto chamar, sem poupá-la, tanta força vital, que bastaria para muitos anos de sossêgo.

A própria lei que a condenara — gigante de aspecto austero, mas com vigor para sustentar, como para aniquilar, em seu braço de ferro — a tinha suportado durante o terrível suplício da sua ignomínia. Mas agora, com este projecto solitário desde a porta da cadeia, começava o tributo diário; e ou ela poderia com êle e o levaria avante com os recursos normais de sua natureza, ou teria que succumbir debaixo daquele peso. Já não podia pedir empréstimos ao futuro para a ajudarem nas angústias do presente. O dia de amanhã traria consigo o seu suplício próprio; e assim o dia seguinte, e assim o outro dia: cada dia o seu suplício próprio, e que entretanto seria exactamente igual a este que agora se mostrava tão inexprimivelmente penoso de sofrer. Os dias do mais distante futuro se sucederiam, sempre com o mesmo fardo para ela erguer e levar consigo, e nunca depor; pois os dias que fôsem passando, e os anos que se fôsem juntando aos anos, não fariam mais do que acumular as angústias que trouxessem, sobre o primitivo monte de vergonha. Através de todos êles, perdendo a sua individualidade, se tornaria ela o símbolo geral para que apontariam o prégador e o moralista, e no qual poderiam dar vida e corpo às suas imagens da fragilidade feminina e da paixão pecaminosa. Assim aprenderiam as pessoas jo-

vens e puras a reparar nela, com a letra encarnada a arder-lhe no peito — nela, filha de pais honrados — nela, mãe de uma filhinha que um dia haveria de ser mulher — nela, que também fôra inocente — como sendo a figura, o corpo, a realidade do pecado. E sobre a sua sepultura não haveria outro monumento senão a infâmia que ela tinha que levar até lá.

Talvez pareça incompreensível que, tendo o mundo diante de si — retida por nenhuma cláusula da sua sentença adentro dos limites da colónia puritana, tão distante e obscura — com a liberdade de regressar à sua terra natal, ou a qualquer país da Europa, e ali esconder seu nome e identidade sob um novo exterior, como se entrasse em outro estado de existência — e tendo igualmente abertos os caminhos da floresta sombria e impenetrável, onde a independência da sua índole poderia assimilar-se à de um povo cujos costumes e vida eram alheios à lei que a condenara — talvez pareça incompreensível que esta mulher ainda ali quisesse morar, onde, e onde unicamente, não poderia deixar de ser o tipo da ignomínia. Mas há uma fatalidade, um sentimento tão forte e irresistível que tem força de destino, o qual quasi invariavelmente obriga os seres humanos a buscar e percorrer, como espectros, o lugar onde algum acontecimento grande e notável deu a côr a toda a sua vida; e tanto mais irresistivelmente quanto mais sombria é a côr que a entristece. O seu pecado, a sua ignomínia, eram as raízes que Hester Prynne tinha lançado naquele solo. Era como se um novo nascimento, com mais fortes assimilações que o primeiro, tivesse convertido a terra das florestas, ainda tão fora do agrado de qualquer outro peregrino ou vagamundo, na terra natal dela, terra triste e sombria, mas onde teria que viver para sempre. Todos os outros sítios da terra — até aquela aldeia inglesa, onde a sua infância feliz e juventude immaculada pareciam estar ainda à guarda de sua mãe, como vestes há muito abandonadas — lhe eram estranhos, em comparação dêste. A corrente que aqui a prendia tinha elos de ferro, feria-a até o intimo de alma, mas nunca a poderia ela quebrar.

Poderia, também, ser — sem dúvida assim era, ainda que ela a si mesma escondesse este segredo, e empalidecesse cada vez que êle lutava por lhe sair do coração, como serpente que quer sair da cova — poderia ser que outro sentimento

*Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2,700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.*

a prendesse ao sítio e aos caminhos que tão fatais lhe haviam sido. Nêle morava, e a estes pisava, alguém a quem ela se tinha por ligada numa união que, não reconhecida na terra, os havia de levar juntos ao tribunal do último juízo, e o tornaria em altar de matrimónio, para um futuro comum de eterna punição. Muitas vezes o tentador das almas tinha imposto esta ideia à contemplação de Hester, e se tinha rido da alegria apaixonada e desesperada com que ela a recebia, para logo se esforçar por a repellar. Só momentaneamente ela encarava tal ideia; logo se apressava a encerrá-la em seu cárcere. O que a si própria se tinha compelido a acreditar — o que, por fim, reconheceu que devia ser o motivo que a levava a continuar a residir na Nova Inglaterra — era em parte verdade, e em parte ilusão. Aqui, pensava ela, fôra o lugar da sua culpa; aqui deveria ser o do seu castigo terrestre; e assim, porventura, o tormento da sua infâmia quotidiana lograria limpar-lhe a alma, e dar-lhe uma pureza diferente da que ela tinha perdido: pureza mais próxima da santidade, porque era fruto do martírio.

Por isso Hester Prynne não fugiu. Nos limites da cidade, dentro do âmbito da península, porém desviada de qualquer outra habitação, havia uma pequena cabana colmada. Fizera-a um antigo colono, e fôra abandonada, porque o solo em volta era mau de cultivar, e a sua relativa solidão a excluía da esfera daquela actividade social que já então caracterizava os hábitos dos imigrantes. Ficava na costa, e virada para os montes arborizados que se viam a oeste para além duma pequena baía. Um grupo de árvores baixas, de que não havia exemplares senão na península, parecia, não tanto esconder a cabana, como indicar que ali havia cousa que queria esconder-se, ou, pelo menos, que deveria estar escondida. Nesta casa solitária, com uns poucos meios de que dispunha, autorizada pelos juizes, que ainda mantinham a sua vigilância inquisitorial, se estabeleceu Hester com a filha pequenina. Uma sombra mística de suspeita desde logo se colou àquele lugar. Algumas crianças, pequenas de mais para que pudessem compreender por que motivo aquela mulher era excluída da esfera da caridade humana, avançavam às escondidas até perto da casa, para a ver costurar à janela, ou de pé no limiar, ou trabalhar no pequeno jardim, ou sair

pela vereda que dava para a cidade, e, ao ver a letra encarnada no peito dela, fugiam espavoridas, com um medo estranho e contagioso.



Por solitária que fôsse a situação de Hester, e sem que nenhum ente amigo ousasse mostrar-se, não corria ela, contudo, risco de necessidade. Possuía uma arte que lhe bastava, mesmo numa terra que dava relativamente pouco azo ao seu exercício, para granjear o sustento para a filhinha que ia crescendo e para ela. Era a arte—então como agora quasi a única ao alcance da mulher—do bordado e da costura. Trazia no peito, na letra curiosamente bordada, uma amostra da sua habilidade delicada e imaginosa, de que damas de cõrte de bom grado se valeriam, para juntar a seus estofos de sêda e ouro o adorno mais rico e espiritual do engenho humano. Aqui, é certo, na escura simplicidade que em geral caracterizava as modas puritanas, poucas vezes se tornariam precisos os produtos mais delicados do trabalho de Hester. Porém o gôsto da época, que em cousas desta ordem exigia sempre o complicado, não deixava de exercer influência em nossos austeros progenitores, os quais tinham repudiado tantas outras modas que poderia parecer mais difícil dispensar. As cerimónias públicas, como ordenações, posses de magistrados, e tudo que podia conferir majestade às formas em que um novo governo se manifestava ao povo, eram caracterizadas, por conveniência política, por um cerimonioso ordenado e pomposo, e uma sombria, porém estudada magnificência. Golas largas, peitilhos complicados e luvas com bordados ricos, eram cousas que tôdas se consideravam indispensáveis à posição oficial de homens que tinham as rédeas do poder, e facilmente se concediam a pessoas dignificadas por situação ou riqueza, ainda que as leis sumptuárias proibissem estas e outras extravagâncias aos plebeus. Nos funerais, também — quer para o traço do morto, quer para significar, por diversos objectos emblemáticos de pano preto e de branco fino, a mágoa dos sobreviventes—havia procura freqüente e típica de trabalhos como os que Hester Prynne podia

fazer. Os enxovais das crianças — as crianças de colo usavam então vestes sumptuosas — ofereciam outras oportunidades de trabalho e lucro.

Pouco a pouco, mas sem que decorresse muito tempo, passaram os trabalhos de Hester, como hoje se diria, a estar em moda, ou fôsse por compaixão por uma mulher de tão triste destino; ou pela curiosidade mórbida que dá valor fictício até a cousas vulgares ou sem valor; ou por qualquer outra circunstância intangível que então bastasse, como agora sucede, para dar a algumas pessoas o que outras buscariam em vão; ou porque deveras Hester Prynne tivesse vindo preencher uma lacuna que, sem ela, se sentisse; certo é que ela tinha trabalho bastante e proveitoso para quantas horas quisesse dedicar-lhe. Também pode ser que a vaidade buscasse mortificar-se vestindo, para cerimónias de pompa e solenidade, vestes que tinham passado por aquelas mãos pecadoras. Via-se o trabalho de Hester na gola do Governador; usavam-no os militares em suas bandas e os padres no peitilho; ornava a touquinha da criança; encerrava-se, para se estragar e perder, nos caixões dos que iam a enterrar. Mas não há notícia de que, nem uma só vez, fôsse requerida a sua arte para bordar o vèu branco destinado a cobrir o puro rubor de uma noiva. Bem mostrava esta excepção a severidade inflexível com que a sociedade continuava a olhar o seu pecado.

Hester não buscava adquirir senão o bastante para sustentar-se, do modo mais simples e ascético, e dar à filha uma abundância simples. Usava traço dos estofos mais grosseiros, e da cõr mais sombria, com aquele único ornato — a letra encarnada — que fôra sentenciada a trazer. O traço da criança, ao contrário, era caracterizado por uma invenção fantasiosa, ou, para melhor dizer, fantástica, que servia, na verdade, para acentuar o sobrenatural encanto que muito cedo se começou a revelar na pequenita — mas que parecia ter também um sentido mais profundo. Talvez a êle tornemos a aludir. Exceptuada essa pequena despesa no enfeite da criança, Hester gastava todos os recursos que lhe sobravam em obras de caridade, feitas a pobres menos desditosos que ela, e que não raro insultavam a mão que os socorria. Grande parte do tempo que bem poderia aplicar aos trabalhos mais delicados da sua arte, empregava-o ela em fazer roupa grosseira para os pobres. E' provável que houvesse uma idea de penitência neste modo de se ocupar, e que ela oferecesse a Deus um verdadeiro sacrificio de prazer dedicando tantas horas a trabalho tão rude. Tinha em sua natureza um característico rico, voluptuoso, oriental — um amor à beleza sumptuosa, que, salvo nas produções mais finas da sua agulha, nada encontrava, adentro das possibilidades da sua vida, em que pudesse exercer-se. Encontram as mulheres um prazer, incompreensível ao outro sexo, no trabalho delicado da agulha. Para Hester Prynne, talvez êle pudesse ter sidô um

meio de exprimir, e portanto de aculmar, o tormento da sua existência. Porém, como a todos os outros prazeres, repelia a êste, como a um pecado. Esta mórbida intervenção da consciencia em cousa tão indifferente indicava, bem era de reear, não um arrependimento genuino: firme, mas a existência oculta de alguma cousa suspeita, alguma cousa que poderia ser profundamente pecaminosa.

Dêste modo veio Hester Prynne a ter um papel que representar no mundo. Com a sua natural energia de carácter e raras aptidões, não podia o mundo de todo enjeitá-la, embora lhe tivesse pôsto um sinal, mais intolerável ao coração de uma mulher que o ferrete gravado na fronte de Caim. Em todo seu trato com a sociedade nada havia, porém, que lhe fizesse sentir que a ela pertencia. Cada gesto, cada palavra, e até o silêncio daqueles com quem tratava, lhe insinuava, e muitas vezes exprimia, que ela estava banida, e tão só como se habitasse outra esfera, ou comunicasse com a natureza comum por órgãos e sentidos diferentes dos do resto da humanidade. Estava separada dos interesses morais, e todavia perto dêles, como espectro que vem visitar a lareira que foi sua, e já se não pode fazer ver ou sentir; nem sorrir com as alegrias da familia, ou chorar com as mágoas dos seus; e que, se conseguir manifestar a simpatia que lhe é vedada, só causará terror e horrível repugnância. De facto, estas emoções, e, além delas, um desprezo durissimo, pareciam ser a única parte que a Hester ainda restava no coração dos seus concidadãos. Não era a época de grande delicadeza de sentimentos; e, pôsto que ela compreendesse bem a sua situação, e corresse pouco risco de a esquecer, muitas vezes lha faziam sentir vivamente, como uma angústia nova, com rudissimas pancadas no lugar mais ferido. Os pobres, que ela buscava para objecto de sua caridade, muitas vezes, como já dissemos, insultavam a mão que se estendia para lhes valer. Damas de alta posição, em cujas casas ela entrava, no exercício das suas occupações, costumavam, também, deixar-lhe cair gotas de amargura no coração; umas vezes por aquela alquimia de malícia surda, pela qual as mulheres conseguem extrair de cousas vulgares e sem relevo um veneno subtil; outras vezes, também, por uma ou outra expressão mais dura, que caia sobre o peito indefeso da vitima como uma vergastada sobre uma úlcera. Tinha-se Hester armado de resignação, em muitas e difíceis provas; nunca respondia a estes ataques, excepto com a onda de rubor que irreprimivelmente lhe tingia a face pálida, e logo lhe tornava a descer ao fundo da alma. Era paciente — uma mártir, em verdade — mas abstinha-se de rezar por seus inimigos, não fôsem as palavras de bênção, a pesar de seus desejos de perdoar, torcer-se de repente e converter-se em maldição.

(Continúa.)



# LIVROS E ESCRITORES



No tom rembrandtesco peculiar da sua pena, o sr. Visconde de Vila-Moura traçou as páginas do opúsculo *O Poeta da Ausência*, que, na própria definição do autor, é um «estudo de grata apologia a um dos mais altos espíritos contemporâneos». É de Mário Beirão que se trata, do lírico admirável do *Último Lusitano*, seu livro de estreia há pouco reeditado, como referimos numa das crônicas anteriores, e também das *Pastorais*, da *Lusitânia* e do *Ausente*, volumes dos quais qualquer seria por si só bastante para dar consagração a um poeta.

Se não há crítica sem análise crua, executada a frio, com o *endurcissement* dos anatomistas, — afirme-se, então, já e peremptoriamente, que o menos que avulta nestas páginas é a atitude rigorosamente crítica, serenamente objectiva. Na verdade, o que as repassa de continuo é um cáldo entusiasmo, uma aberta simpatia mental, um profundo acôrdo anímico com a maneira de ser artística do poeta estudado. Deveríamos, por consequência, pôr tais encômios de remissa, filiando-os na amizade pessoal que o autor denota dedicar a Mário Beirão? Talvez fosse da melhor prudência usar dessa reserva em casos similares, mas no presente ela parece-nos excusada, visto que a personalidade do cantor da misteriosa beleza da estepe alentejana e da alma scismática das suas gentes já há muito, e sem nenhuma oposição, transpôs as barreiras do renome. Este perfil elogioso está, por-tanto, certo em todos os traços e não há que retocá-lo nem mister é esbater-lhe o



Visconde de Vila-Moura

minimo tom. Aliás, abonando o fervor da homenagem, denuncia-nos este estudo o alto aprêço concedido ao talento de Mário Beirão, precisamente através de poesias pertencentes ao *Último Lusitano*, por três soberanos espíritos das nossas letras que a morte já arrebatou: Guerra Junqueiro, Gomes Leal e Fialho de Almeida.

Para lhe marcar excelstude na nossa poética e chegar à conclusão de o pôr em paralelo com

Bernardim Ribeira, o poeta da saudade, o autor atribui à musa do poeta das *Queimadas* um estado de alma privativo e inato, a *dor da ausência*, entrelaçando estes assertos em conceitos muito belos e originais sobre o verdadeiro significado da arte e sobre o papel que na vida compete aos artistas, sobre-tudo aos poetas.

A índole arraigadamente nacionalista dos carmes do autor da *Lusitânia*, acentua-a no seu trabalho, e com o devido realce, o sr. Visconde de Vila-Moura. Em períodos de frases castiças, onde não será arrojado descobrir progenitura camiliana, o escritor da *Nova Safo* comunga do encanto que a paisagem íntima, religiosa e extática da terra alentejana infunde e da estranheza sugerida pelas suas típicas figuras, maltezes, *ganhões*, zagais, gente do armentio e da lavoura, vivendo sua dramática sina, — paisagem singular e figuras estranhas de que estão cheios, em inesquecíveis evocações, os versos de Mário Beirão.

*O Pintor Carlos Reis e as modas em pintura* é o título duma elegante plaqueta que ostenta no frontispício o nome muito estimado do dr. Agostinho de Campos. Consiste o seu recheio na palestra que o publicista fez, em Maio último, no salão da Sociedade Nacional de Belas-Artes, numa festa de homenagem que ao insigne artista da paleta alguns dos seus discípulos mais dilectos promoveram.

Não tivemos a fortuna de escutar o conferencista; e do brilho e da elevação do seu trabalho só nos extractos incompletos dos jornais pudemos colher um eco, fatalmente desvanecido, que esteve, por-tanto, bem longe de nos contentar. Calcule-se, deste modo, a satisfação com que recebemos hoje a saborosa palestra, reconstituída na íntegra, mercê dos desvelos do habitual editor do dr. Agostinho de Campos.

Fazer-lhe aqui uma sêmula fiel impõe-se-nos como empresa inviável, de tal maneira o conferencista multifacetou o assunto, obtendo-lhe sedutores cambiantes, embora sempre na órbita do tema obrigado. Sem ênfase, sem sombras de gravidade académica, num delicioso à-vontade, num permanente desfiar de felizes comentários em que a ironia scintila, o elogio do mestre-pintor Carlos Reis está feito nestes períodos, de forma a compreendermos por inteiro a sua poderosa individualidade artística, os triunfos da sua carreira, a influência por ele exercida e também as que recebeu e foram alimentar o seu talento, isto de mistura com a narração de episódios anecdóticos e com engraçadíssimas alusões à versatilidade e ao exotismo de certas modas femininas, que, não obstante a sua efêmera natureza, tanta vez conseguem alterar as directrizes das artes plásticas.

Temperando de humorismo a erudição e contribuindo para consagrar um pintor dos de maior valia da nossa época, o dr. Agostinho de Campos, com esta palestra que os admiradores de Carlos Reis tiveram o prazer de ouvir e a pre-

sente plaqueta reproduz, acrescentou mais uma desenfadada e proveitosa lição de bom-gosto àquelas muitas que, desde velhos tempos, o público português vem recebendo da sua inteligência clara e culta.

O talento delicado da sr.<sup>a</sup> D. Emilia de Sousa Costa tem-se votado principalmente à literatura para as crianças, o que está por completo dentro da lógica das aptidões femininas. Cuidar das almas e dos cérebros ainda nas tenras idades juvenis é, no fundo, um complemento da



Emilia de Sousa Costa

função genesiaca. Em muitos casos mais deverá o homem a quem o educou e lhe alimentou o espírito do que aos seres que lhe deram a simples origem física.

Formam já uma boa fileira os livros dessa especial índole que têm saído da pena desta autora. Recordemos alguns: *Memórias da Lili*, *Êstes sim... venceram!*, *Polichinelo em Lisboa*, *Polichinelo em Trás-os-Montes*, *Polichinelo no Minho*, *Mosquitos por cordas*. Há mais, mas estes títulos bastam para certificar o quanto a sr.<sup>a</sup> D. Emilia de Sousa Costa tem acarinhado os pequeninos do seu país, que bem lhe podem decorar o nome com gratidão.

O seu último volume publicado com texto destinado às crianças chama-se, muito sugestivamente, *No tempo em que tudo falava*. Obtida para elle a colaboração artística de Rocha Vieira, que lhe concedeu muitos e expressivos desenhos, os contos que o compõem foi a autora buscá-los, na sua maioria, às tradições populares, quer nacionais quer brasileiras, umas e outras, pela fonte que lhes é comum, tão frequentemente ajustadas.

Escorreatas de qualquer preciosismo de linguagem e descrevendo em quasi todas elas episódios em que entram animais, temas que tanto cativam sempre a imaginação da gente miúda, estas historietas têm graça a rodos. Convocando de novo os volumes anteriores da bagagem da autora e confrontando-os, um por um, com o presente, — sentimo-nos tentados a con-

ferir ao *No tempo em que tudo falava* o comando dessa hoste, irrequieta mas inocente, dos re-creadores da infância recrutados por ela.

Poderá a sr.<sup>a</sup> D. Emília de Sousa Costa voltar a amearhar muitos e muitos mais contos com o mesmo louvável destino e tão gentis como estes, mas o que lhe será em extremo deficitil é exceder a perfeição que conseguiu imprimir aos desta linda série.

O sr. general A. Iharco publicou agora um pequeno livro de cento e tal páginas, denominado *Memórias*, a que se não pode negar nem actualidade nem interesse. O seu sub-título reza assim: «alguns apontamentos sobre a influência da política no exército». Este enunciado já de sobra indica o teor do volume e é promessa de curiosíssimas revelações a respeito de acontecimentos que são dos nossos dias e tanto têm agitado a sociedade portuguesa.

Em sucessivos capítulos, escritos numa linguagem despreziosa e sóbria, sem pruridos literários que seriam até incompatíveis com o assunto, compraz-se o autor em contar qual a acção exercida por ele em alguns dos importantes e espinhosos cargos militares que lhe têm sido cometidos, desde os tempos últimos da monarquia até ao bem recente e sensacional julgamento dos revolucionários do 18 de Abril, a cujo júri presidiu.

Passando em revista os factos e os homens públicos que neles intervieram e com quem esteve em contacto, o sr. general A. Iharco não os poupa aos seus desassombrados comentários, que a alguns não-de parecer em demasia contundentes, apesar de, como o autor nos adverte no preâmbulo do trabalho, não haver no seu espirito, ao traçar estas páginas, qualquer propósito de hostilidade contra este ou contra aquele. A sua critica pretende somente ser justa, sobre-saindo nela o desejo veemente de ver as instituições militares regressadas ao seu límpido prestígio, sem a lepra do ódio politico a corroer-lhes as fibras.

Ficámos estimando literariamente José de Faria Machado desde a leitura, feita há já alguns anos, do seu livro *Diálogos, momentos de drama e de tragédia*. Depois disso, com duas reedições desse mesmo volume, elle têm trazido a lume outras obras, que não tivemos ensejo de avaliar, mas de que nos constam favoráveis opiniões, através das crónicas da imprensa. Com curiosidade bem comprehensível, pois, abrimos hoje uma nova obra sua, que, não obstante a ligeireza das suas páginas e a pouca amplitude do motivo que concretiza o seu enredo, demonstra que o autor dos prometedores *Diálogos* não concede longos pousos ao seu ingenho.

Nos magros tomos duma collecção de novelas, que uma livraria portuense está editando, apresenta José de Faria Machado *A Morgada de Sortelha*, digna de ser considerada uma boa produção do género. Escrita com segurança de processos, nos seus breves episódios perpassa o viver dum solar provinciano. Nesse ambiente extingue-se a existência dum nobre ancião, entre a guerra surda duma filha, cujo espirito a cobiça dum mau padre desmorteia, contra o herdeiro legítimo da casa, o estouvado Simão, e os desvaivos boêmios do moço, que assim se arrisca a dar fóros de justiça ao esbulho maquinado pela irmã e pelo astuto confessor.

O desenho destes caracteres é vincado, à excepção do do padre Baltazar, que nos pareceu ter sofrido o descuido do autor, e a intriga consegue

manter-nos o espirito prêso ao desenrolar dos seus lances, em que por vezes se verifica notável intensidade dramática.

Europa fora está tendo um notável incremento a literatura exótica. O europeu está cansado de pesquisar os meandros da sua própria alma e por isso alonga o olhar para os povos de civilização diferente, donde ainda pode surgir qualquer espectáculo inédito. Através de traduções das obras mais salientes dessas artes literárias estranhas, seja a pérsica ou a indiana ou a nipónica, ou mediante livros de escritores europeus que resolveram, obedecendo às exigências do público, ir pelo mundo longínquo em demanda de scenários e de costumes novos,—este movimento de curiosidade dos leitores do velho continente está atingindo o auge, embora nós, no nosso cantinho português, pouco dêmos ainda por elle.

Porém, alguma coisa aqui se publica podendo ser levado à conta dessa geral curiosidade: algumas traduções de Tagore, os livros de Venceslau de Moraes e as obras dum ou doutro português de origem indiana, que não pode apagar da alma as gratas lembranças do torrão natal.

Está neste último caso o sr. Mariano Gracias, poeta já bastante conhecido pela harmonia dos versos que em volumes vários tem dado à luz. Presenteou elle agora o público com a *Terra de Rajáhs*, novo livro cheio de inspiração e, sobretudo, digno de estima pelo muito que nos revela da alma e da vida do povo indiano. As suas formosas mulheres, os seus festins, as suas cerimónias, as suas paisagens de maravilhosa riqueza, o fausto dos seus nobres e da sua realza, as suas belas lendas,—de tudo isto há um reflexo, colorido com pericia, nos poematos que o sr. Mariano Gracias agrupou na *Terra de Rajáhs*!

Tauxiadas, com frequência, de vocábulos indianos as suas descrições (o que lhes obscurece o sentido e, pelo esforço mental a que o leitor é obrigado para comprehender por inteiro essas passagens, quebra o fio emocional que é atinente à poesia) o autor teve de juntar ao texto poético um abundante glossário, cuja utilidade tivemos ensejo de verificar e onde, em notas muito eruditas, se obtém interessantes conheci-



Agostinho de Almeida Paiva

mentos da mitologia, da philosophia, da religião e do folk-lore da velha India.

Ainda não foi desta feita que Oscar Wilde obteve em lingua portuguesa condigna vestimenta gráfica para as suas obras. Dir-se-há que

os livreiros que o imprimem aqui desconhecem o quanto era exigente em questões de estética o espirito do grande e infeliz escritor irlandês. A não ser a *Salomé*, que saiu com uma bela capa, os seus livros traduzidos até agora na



Oscar Wilde

nossa lingua apparecem-nos com um ar mazombo e canhestro que indignaria Wilde, se este lhes pusesse a vista em cima.

Adiante, porém.

Ao dr. Agostinho de Almeida Paiva estamos devendo a divulgação em Portugal da obra do célebre escritor, príncipe do paradoxo e da ironia, que a Inglaterra muito tempo baniu das suas estantes ou, pelo menos, só se atreveu a ler à sorrelfa. Já dois volumes, por diligência sua, tinham sido aqui impressos, enfeitando alguns dos mais lindos contos que o talento fascinante de Wilde produziu: *O rouxinol e a rosa* e *Uma casa de romãs*.

Agora, um novo volume de miolo wildeano appareceu sob a sua responsabilidade, com um prefácio em que o dr. Egas Moniz lhe faz os mais legitimos gabos.

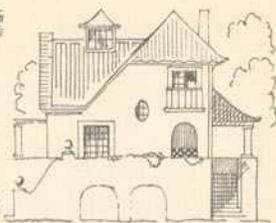
Tem carácter gnómico este livro, que se intitula *Pensamentos e Paradoxos*. Respiçou-o o dr. Agostinho de Almeida Paiva de todas ou de quasi todas as obras de Wilde, formando deste modo séries de conceitos sobre diversos e sedutores temas, como sejam o carácter da sociedade inglesa, a religião, o homem, a mulher, o amor, o casamento, a politica, o governo e a autoridade, a moral, a philosophia, a dor, a vida, a historia, a literatura e a arte e ainda outros, não menos palpantes.

Estes excerptos apresenta-os o autor do volume *Pensamentos e Paradoxos* sempre acompanhados de inteligentes comentários e de inúmeras notas sobre a biografia de Oscar Wilde, tão accidentada e vária de fortuna.

De justiça é dizer que é esta a vez primeira que em lingua portuguesa se publica um trabalho tão completo sobre a individualidade de Wilde. Tudo elle fértil em leitura cativante, merece realce o capítulo final, que se intitula *O Perfil de Cristo*, onde se lê: «O seu lugar é entre os poetas. A sua concepção da Humanidade procede immediatamente da imaginação, que é a única faculdade capaz de compreendê-lo. O homem foi para elle o que Deus fóra para o Panteista. Foi elle o primeiro que concebeu a unidade das diferentes raças humanas.» Wilde viu o fundador do cristianismo sómente como um extraordinário artista.



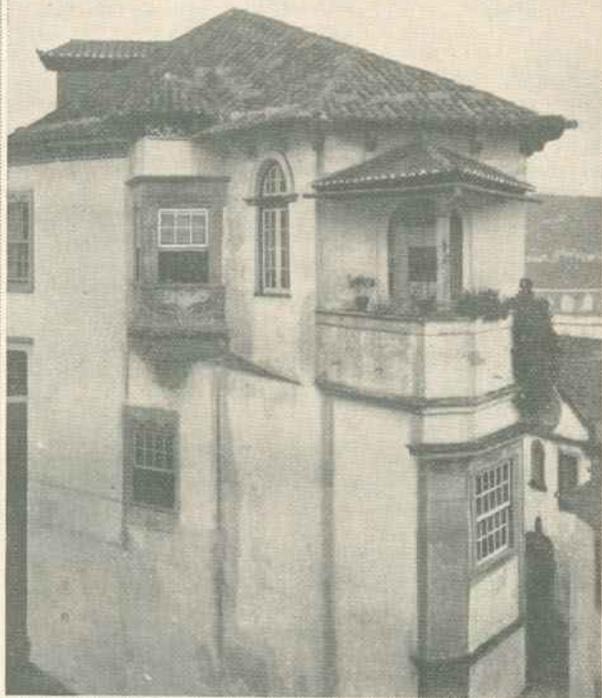
A CASA PORTUGUESA



CURIOSA HABITAÇÃO QUINHENTISTA; CONSTRUÍDA PELA ÉPOCA EM QUE — NO REINADO DE D. JOÃO III — COIMBRA REFLORIA COM A NOVA TRANSFERÊNCIA DA UNIVERSIDADE PARA AS MARGENS DO MONDEGO.



NÃO OBSTANTE VÁRIAS MUTILAÇÕES, AINDA HOJE TEM INTERESSE COMO EXEMPLAR DE ARQUITECTURA CIVIL DA RENASCENÇA; COM SUAS JANELAS GEMINADAS, SEU VÃO SALIENTE EM FORMA DE PÚLPITO E RES-SALVADO NO INTERIOR POR UM ARCO TODO GUARNECIDO DE FLORÕES; SOBRETUDO PELO ASPECTO ESQUISITO DO CUNHAL ENTRE AS DUAS RUAS, QUE VALEU A ESTA CASA O NOME POR QUE É MAIS CONHECIDA.



A CASA DO NAVIO EM COIMBRA

Propriedade do Sr. José Gomes F. Duque

## VARIAÇÕES SÔBRE O TEMA DOS MONUMENTOS

Três casos de fresca data: a erecção das duas estátuas de França Borges e do Chiado, e a rejeição, pelo júri, de tódas as *maquettes* para a de Camilo,—vicaram atizar a discussão sôbre esse problema dos monumentos, que tem significado para a pobre Lisboa, de há muitos anos até agora, a mais monumental das calamidades.



Sousa Martins

Começou ela, se bem me recordo, pela catástrofe de Sousa Martins. Ninguém percebeu porque é que esse clínico (orador por certo dos mais interessantes, mas sem uso alguma da especialidade, e que nada representa, por isso mesmo, na história da medicina em Portugal) seria

preferido a tantos outros, realmente criadores ou reformadores, para vir a dominar com seu vulto em bronze, no jardim do campo de Sant'Ana, os dois edifícios em que se tem gerado, graças a uma coorte de verdadeiros investigadores, a contribuição de Portugal para o progresso das sciências médicas. Depois, foi tão mamarracha a realização da obra, e o protesto do público tão vivaz, que se destruiu a estátua da primitiva, fazendo-a substituir pela que se vê agora, discursando, diante da fachada da Faculdade. Simboliza a vitória da Retórica sôbre a Sciência, em Portugal.

Surgiu depois a de Pinheiro Chagas, com os seios morgados da Morgadinha; a de Eduardo Coelho e do seu garoto; a do duque de Saldanha como carranca alada, a apontar para as bandas donde elle saiu, uma manhã, a poisar na prôa do galeão político, para lançar a história com ar festivo o último *pronunciamento* da Monarquia.

Agora, é França Borges, é o Chiado. Êste Chiado, como sabem, foi um mediocre fazedor de versos; amante do vinho e da graça chula, alcoiceiro de fama e *souteneur*: pelo que mereceu cabalmente o ser honrado pela cidade, numa estátua de bronze no seu ponto *chic*.

A selecção ás-avessas, que se faz na politica, applica-se em parte à gente histórica, pelo que respeita às estátuas da cidade de Lisboa. Não se vê monumento a Afonso Henriques, que conquistou a cidade, nem a D. Denis



Pinheiro Chagas

e D. João II; não o tem o Gama, nem o Magalhães, nem Duarte Pacheco, nem Nun'Alvares, nem D. Henrique, nem Gil Eanes, nem D. João

de Castro, nem Pedro Nunes, nem Garcia da Orta, nem S. Francisco de Xavier, nem Anchieta, nem Fernão Lopes, nem Sá de Miranda, nem Gil Vicente, nem João de Barros, nem Mendes Pinto, nem Vieira, nem Francisco Manuel, nem Herculano, nem Mousinho, nem Garrett, nem Quental; na politica republicana, não a têm Latino nem José Falcão; mas têm-na França Borges, Eduardo Coelho e o Chiado...

Não há grande razão, a meu ver, para nos darem em estátua de corpo inteiro—um homem célebre. O espirito de um grande homem não se pode exprimir pelo seu corpo; e num corpo espesso e paquidérmico se abrigava a finura de um Renan. Em estátuas de corpo inteiro se deveriam representar os belos atletas: êsses sim. O que há de interessante num atleta é pela estátua que se pode exprimir. E como não é uso do nosso tempo celebrar os atletas com tanta honra, empregue-se o recurso da estatuária para figurar simbolicamente os acontecimentos e as ideias (não uma pessoa determinada) comemorando-se os grandes homens com outras espécies monumentais.

O primeiro monumento que se devia erguer em Lisboa (parece-me a mim) não devia ser o de um dado homem, mas da espécie simbólica a que me referi: comemorando um facto, um acontecimento, uma ideia: o facto que é a razão de ser da nacionalidade, a função da Pátria na história do mundo; a epopeia dos Descobrimientos. E onde?—Na Rotunda, no sitio em que se vai pôr a estátua do Marquês.

É o melhor local do País; devia consagrar-se, por isso, à maior obra da Nação. Que digo? Ao que foi a *Obra* da Nação.

Tratando-se do monumento a um dado homem, podem aparecer as divergências,—de partido, de opinião ou de classe. Um miguelista, por exemplo, não concorrerá de boa vontade para o de Mousinho da Silveira; um inimigo da razão—de-Estado, para o do rei D. João II; quem tenha a fobia do jesuita, para o de S. Francisco de Xavier. Por minha parte, não tenho classe nem partido: mas não deixo de ter opiniões, e jámais concorrerei para uma estátua de Pombal.

Os Descobrimientos, porém, foram uma obra de tódas as classes, admirada e aplaudida por tódas as formas de opinião. Reis, como D. João II; príncipes, como D. Henrique; burgueses, como João Afonso; simples pilotos, como Alemquer; sábios, como Pedro Nunes e Garcia da Orta; fidalgos, como Vasco da Gama ou D. João de Castro; poetas, como Camões; prosadores, como Mendes Pinto; santos sacerdotes, como Anchieta ou Xavier,—tódos concorreram para os Descobrimientos. Por isso, nenhum povo, entre os de hoje, poderia ter como o nosso um monumento nacional.

E os homens? A quem não primou na nudeza esbelta, é grande obséquio não lhe fazer estátua. E nesse caso, como se deve comemorar?

O sr. dr. Brito Camacho, escrevendo no *Noticias* sôbre a rejeição das *maquettes* para o monumento de Camilo, propõe que os escritores e artistas se pronunciem sôbre o carácter que devem ter os monumentos, segundo o da pessoa a quem memoram.

Já um escritor, e dos maiores, respondeu antecipadamente: Herculano. Segundo elle, não há razão

para que um monumento revista forçosamente a forma de uma estátua: «Um monumento é um meio de transmitir ao futuro uma lembrança do passado. Essencialmente é só isto. Acidentalmente, mil condições podem variar o seu modo de existir: mas a condição absoluta d'êste existir é o *lembrar*. Onde houver isto há monumento; o livro e o tempo; o obelisco e a estátua; o palácio e a campa; a árvore e até o chão defeso e condenado à perpétua esterilidade, podem ser monumentos» (*Opúsculos*, tomo VII, 1901, p. 206). Depois disto, recorda Herculano que na Idade Média se dava aos monumentos a forma de templo, porque a religião era nessa época «a ideia predominante e característica da vida social». Ora (continua elle) «a escola tem hoje a preencher a missão que o templo desempenhava há quatro para cinco séculos; e a forma de escola, por isso, se deve dar hoje a um monumento».

Lembrarei aos defensores da escultura (e eu sou d'êles) que a escola não exclui o trabalho do escultor: pois nada impede que haja um busto (e é a máscara o que só interessa, afinal, no vulto de um homem de pensamento) no conjunto arquitectónico destinado para uma escola.

Voto pela ideia de Herculano. Por ela, um país pobre, como o nosso, juntava o útil à formosura; memorava o homem de pensamento fazendo uma obra de pensamento, e dando leitores aos escritores, as eternas vítimas da nossa grande e lamentável percentagem de anal-fabetos; e libertava-se o estatuário da parte ingrata do seu trabalho, que é modelar sem necessidade um corpo que não foi belo, que não merecia representação, e a que se não sabe, por via de regra, qual a postura que se deve dar.



França Borges



Chiado



CINEMATOGRAFIA

UM dos casos mais curiosos da cinematografia na actualidade, foi o fracasso que há pouco sofreu Abel Gance com o seu filme «Napoléon». Gance o grande encenador de «Zone de la Mort» «J'accuse» «La Roue» «Chateau des esprits» etc., um pouco incompreendido dos editores, encontrara enfim o comanditário que lhe convinha. Efectivamente o poderosissimo «Westi-Consortium» dera-lhe plenos poderes e assim, Gance encetara a filmagem do seu scenário «Napoléon», que melhor devia chamar-se «Bonaparte», visto que terminava na sagração imperial do grande corso. Subitamente, ocorre a inacreditável falência da casa Hugo Stinnes e a «Westi-Consortium», privada do seu apoio financeiro, falla igualmente. Abel Gance, desorientado, procurou então tôdas as soluções possíveis para o seu caso, pois que tinha filmadas tôdas as grandes scenas, Arcole, Rivoli, etc. Surge então a campanha calvinista de parte da imprensa francesa. Indignadamente, certos jornalistas reclamam que se isole de capitais o grande Abel Gance, a quem accusam de realizar por conta de alemães, um filme em que, apresentando Bonaparte conquistador do mundo, tendia a assacar à França as ideias imperialistas



As duas scenas que reproduzimos, notáveis como expressionismo cinegráfico e técnica da iluminação e da composição, pertencem ao filme de vanguarda «Variétés» de origem alemã, encenação de W. F. Murnau.

que esta reprova à Alemanha. A reacção contra esta campanha, fez-se rapidamente e então o genial realizador viu chegar até elle o auxilio já inesperado. A «Société des romans historiques» a que preside Charles Pathé e a quem se deve a realisação do «Miracle des Loups», comprou o activo e passivo do filme «Napoléon». Abel Gance vai enfim terminar a sua obra-prima que será porventura um dos grandes monumentos da cinematografia moderna.

• • •

René Sti, vai começar a realisação de «L'inconnues», um original seu, e destina o produto d'este negocio cinematográfico à manutenção do Laboratório de Anatomia Comparada. Por este motivo um dos principais papéis será interpretado obsequiosamente e como *truc* de publicidade por Jean Painlevé, filho do actual presidente do conselho de França e um dos mais brilhantes elementos daquelle laboratório.

• • •

D. Quixote, que fôra anunciado varias vezes como uma próxima realisação, sendo a última vez pelos espanhóis que para isso contavam com um apoio official, está desta vez em plena filmagem. Quem produz a genial obra de



Cervantes? A «Palladium Film» de Copenhague. O realizador será Lau Lauritzen cêebre na história do cinema pelo filme «Patt e Patachon» interpretado pelos actores Carl Schenstron e Harald Madsen que são os mesmos que incarnarão os heróis imortais de Miguel de Cervantes.

• • •

«Gold rush» super-produção tragi-cômica com Charlie Chaplin, teve em Paris, um sucesso sem precedentes. Vejamos o *récord*: 12 semanas em exclusivo na «Salle Marivaux», 4 semanas no «Max Linder» e logo a seguir apresentado ao mesmo tempo em 14 cinemas de primeira classe da grande cidade!!

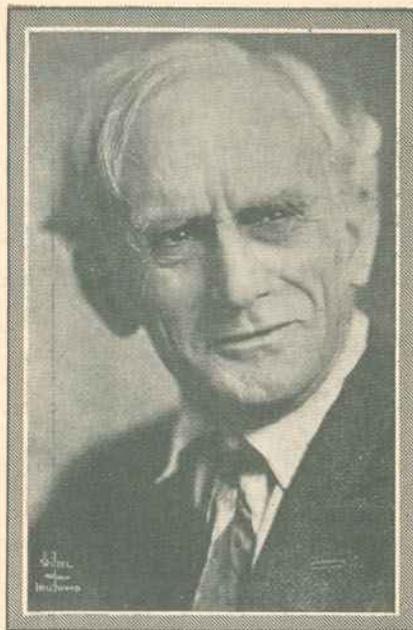
• • •

Afirma-se que está imminente a retirada das lides cinematográficas de David W. Griffith, o mago da cinematografia a quem se devem «Intolerance» «Way down East» «Orphans on the Storm» «To be or not to be» etc.

Também Rex Ingram, o realizador de «Scaramouche», «Mare Nostrum» e outras obras-primas, pensa em se retirar dos *studios*.

• • •

Foi apresentada com um grande sucesso a produção da «Universal» intitulada «A midnight sun» com Laura Laplante, Raymond Keane, Patt O'Malley e George Siegman. Notaram-se na



Jay Hunt, um notável característico americano, uma das máscaras mais ricas de expressão dos elencos de John Ford

Alma Rubens que a «Fox Film» lança como primeira estrela



Carol Lombard, incontestada beleza yankee, segunda figura em «The Lucky Lady»



Katheryn Perry e Hallam Coole da Fox formam um par absolutamente... «aguarda a Inglaterra»

exibição um grande número de scenas surpreendentes de baia-dos, pantominas, scenas de revistas etc. O encenador foi Dimitri Buchowetzki a quem as criticas europeas flagelam impiedosamente por se ter americanizado como aconteceu a Vitor Sjoström.

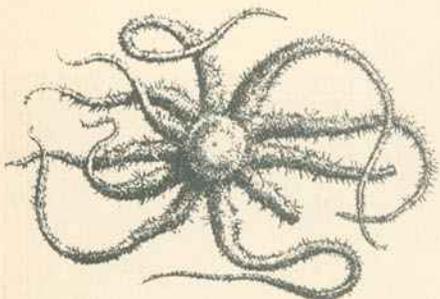
• • •

Harold Lloyd, o mais próximo rival do grande Charlie Chaplin, vai, como o seu genial mestre, ser encenador pois que apresentará dentro em breve uma série de comédias de dois actos em cujo desempenho não toma parte e que serão apresentadas por «Famous Player».



LÚZ VIVA

O mar é sulcado por seres fosforescentes: e abismos profundos, onde se julgaria haver sempre a escuridão da noite, iluminam-se com focos multicolores que se agitam, ora subindo, ora descendo na espessura das águas. Essa fosforescência aparece também à superfície dos mares. Por motivos que desconhecemos ainda, pequenos seres luminosos, como os noctilucos, sobem das águas profundas, e os navios deixam então, no seu caminho, estradas luminosas como vias lácteas. Uma ou outra vez



Brisíngua luminosa — estréla do mar

pode contemplar-se o espectáculo da água-fosforescente expulsa em jactos por algum grande cetáceo, como uma viva fonte de luz.

Examinados ao microscópio esses pequenos seres fosforescentes, vê-se que a luz irradia de minúsculas granulações que existem dispersas numa substância gelatinosa translúcida. Quando a água, assim carregada de focos luminosos entra no organismo de alguns animais marinhos que, por terem pouca matéria viva, quasi não são mais do que água do mar animada, aparecem então formas variadas e interessantes sulcando as águas: A Cintura de Venus, a *Pelagia noctiluca*, uma medusa luminosa do Mediterraneo; a Brisíngua, que é uma estréla do mar cujo nome deriva do que foi dado à joia que ornava o seio de Freia, a deusa da beleza e do amor na mitologia escandinava.

Há celenterados luminosos, equinodermes, vermes, moluscos. Um destes últimos, um pequeno polvo que vive nas grandes profundidades, pode ser fotografado com a sua própria luz. Dir-se-hia que tem um diadema ornado de pedras preciosas da mais fina água. Os órgãos médios dão luz azul-ultramar; os laterais, luz nacarada opalescente; nos órgãos ventrais, dos

anteriores saem raios vermelhos, dos posteriores raios brancos ou nacarados, com excepção do médio que é azul celeste.

Dos vertebrados aquáticos apenas entre os peixes se encontram seres que emitem luz. Habitam estes, em geral, nas grandes profundidades. Num deles, o Melanoceto, peixe muito voraz cujo corpo quasi só se compõe de bôca e estomago, o foco luminoso existe na extremidade dum barbilhão implantado por cima da abertura bucal, como se lhe servisse para atrair a presa.

Os micróbios fosforescentes podem cultivar-se em meios nutritivos apropriados, e por esse modo se consegue obter lâmpadas de luz viva que não emite calor e a que, por esse motivo, se chamou também luz fria. Com essa luz quis Rafael Dubois fotografar a effigie de Claude Bernard, prestando assim homenagem ao grande sábio fisiologista francês.

• • •

O PROLOPAS

Sob esta tão arrevezada e antipática denominação designaram dois sábios austriacos uma substância que descobriram e que, tendo certas propriedades do vidro, como são o aspecto e a transparência,

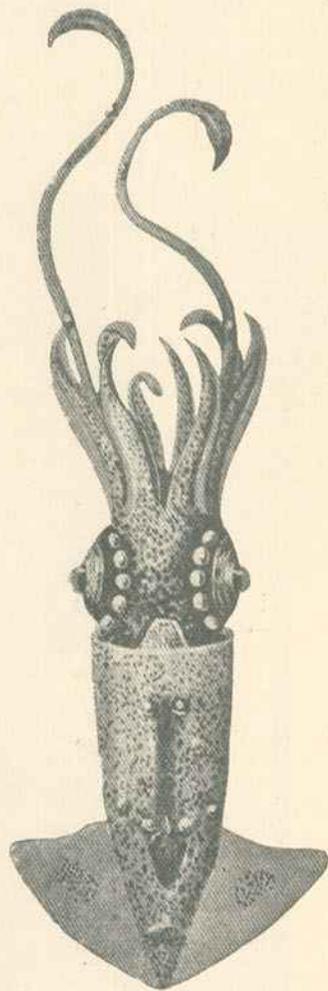


Fotografia de Claude Bernard tirada com focos de luz viva

dêle se distingue fundamentalmente pela constituição química.

Segundo afirmam os seus descobridores o prolopas pode ser usado em substituição do vi-

dro com muitissimas vantagens: é mais leve; pode dobrar-se sem se partir; e, o que é mais



Pequeno polvo com focos de luz de várias côres

importante, mostra-se transparente aos raios ultra-violetas. Esta última propriedade deve tornar precioso o seu emprego em hospitais e sanatórios.

Quanto ao mais, o futuro dirá. Se a moda o decretar, teremos ocasião de ver as nossas elegantes com seus «lorgnons» de prolopas.

F. MIRA.

## CIDADES VELHAS

NUNCA me abeirarei duma cidade sem comção, como nunca uma aldeia deixou de dar-me a impressão funda de que ali se criaram gentes, agenciadores e perdulários viram a luz primeira, e camadas de costumes se sobrepuseram a outras camadas como veios lenhosos em tronco velho e nodoso. Lembro-me com saúde da minha primeira ida a Pórtor Martim, aldeia de faiais e vinhas gordas, na ilha Terceira, como recorde a única vez que entrei em Madrid, numa manhã de abril, passando as *cales* ao trote de mulas fartas, curioso duma terra que me cheirava a mentraço e me sabia a pimentos. São os meus fastos da memória predilectos, e se, quando se ligam a cidades grandes, avultam opulentos, vem-lhes mais opulência do jôgo humano ligado às altas fábricas, aos monumentos severos e copiosos, aos museus raros, do que ao fausto exclusivo e à arrogância em si mesma. É que as cidades grandes são meros padrões de vida, o fluxo e refluxo das várias marés humanas. São rastros, vestígios; e, numa estrada que circunvalasse a Terra, teriam o arranjo simbólico de muitas pégadas juntas, de légua em légua, com gotas de ocre a marcar o sangue gasto. Cidades velhas, portanto, são para mim quasi tôdas, aberta a excepção para aquelas que a vida têxtil criou, ou que as faianças, exigidas em dôbro por muita bôca esfaimada, tiveram que pedir para seu fubrico avultado e em condições seguras. Os burgos industriais são muito novos e feios: não se contam.

Em troca, porém, que agrados não se colhem duma terrinha simples, aglomerada ano a ano, espraçada e recomposta apenas de lustro em lustro, ou destes modestos formigueiros que se locomovem sem pressa e dão a crença, de tão pausados, que são anões catalépticos e estendem as pernas uma só vez num século! Ai o trabalho do homem é lento, e, como o cérebro não mexe mais que um molusco, o braço é suficiente, ergue as alfaías com o vagar dum ponteiro.

Bem palpitada, a memória de cada um de aós dará a ideia dessas espécies de movimentos que servem a erguer as vilas mais roneiras, ou que distendem as cidades que foram fundadas há séculos, mas são pobres, e cabeceiam com gôsto em sua pobreza permanente. Num bairro mais ruinoso, numa ruela mais erma, os andaimés duma actividade rara instalam-se e bracejam. São como aranhas de trabalho os homens, e sua teia, observada, tem de urditura os fôlegos empregados, o suor vertido a calafetar e a moer, pragas, e uma cantiga afoita que se ouve dentro dum prédio, intermitente, mas muito alegre e acompanhada a escopro. Entretanto, a par daqueles cuja tarefa é de indole a limitar seus maneios — pedreiros contra a pedra, ferreiros junto à forja, os carpinteiros ao pé do banco ou do tórno — outros homens, mais livres, vão labutando em volta. São os andarilhos, aqueles cujo trabalho discorre ao ritmo dos ventos, e circulam, e vão levar o almôço ao mestre de obras, ou, de canastra às costas, assobiando as *cartolinhas*, levam o pão saúdo agora do forno.

A vida, porém, dum burgo, vista ao largo, só se descobre em conceito, porque reflui, e apenas as cabeças altas dos monumentos ou a quadratura franca das praças revelam a corrente

interior, represa, dos pensamentos e das paixões. Revelam — mas numa amostra somática, imperptigada, do que vai dentro. É este o aspecto talvez mais interessante para quem vê em globo, e, aos que fazem um jôgo de xadrês das impressões colhidas, as cidades fornecem tentos miraculosos, assim olhadas.

Como se forma a Cidade? Sem remeter o leitor para Fustel de Goulanges, que versou a cidadania clássica e seus fundamentos físicos, antes direi, que, como Ortega y Gasset, vejo os montes de casas qual um fenómeno imprevisito. Não eram casas juntas o que quem as juntou queria. O desatôgo, a largueza, vistas para o mar e silêncio são atributos velhos, sobre que a mente do homem tem trabalhado muito e já de data longuissima. A *casa quanta mores*, do adagiário, é por seu turno uma palavra e não mais. O que se cobiciava outrora, quando as cidades se começavam a ver com seus debruns de arrabalde, era o comércio das falas, a satisfação à motilidade incessante do vário espirito humano, a vida larga e convidada, em suma. Deixaram pois os homens linguaeiros os seus primitivos poisos, e, à roda dum curto espaço parecido com um moderno *interland*, foram-se amesandando, edificando os pavimentos rijos, travando a terra, até que deram pela mistura estranha que haviam feito entre si. Dezenas de casas, palácios, formavam fiadas sobre um terreno aberto. Era o *forum*. Mas como o sitio exigisse toga ou *peplum*, conforme os casos, e os algibebees levassem coiro e cabelo por vestes como essas, os nossos pais passaram a chamar ao *forum* — soalheiro. E hoje uma calça decentemente rôta não faz aí má figura. . .

Há um livro recente, *Arte e Arqueologia*, que é quasi todo um bom padrão de amor a uma cidade velha, da qual escrevo. Foi Coimbra que mereceu a êsse suavissimo antiquário Quim Martins, as linhas de graça ou de erudição que o enfeixam; e tão ao vivo se representam ali as coisas da cidade, tão bem tocadas e vestidas, que o autor parece um deus Lar, agora arrogado ao burgo, e decretado por êle para lhe ser propicio ao calendário. Pois Quim Martins dava um bom deus eponimo!

Não era preciso, de resto, o aparecimento deste livro, encabeçado de arqueológico, para que o amor de Quim Martins as velharias de Coimbra se desenhasse em relêvo. A sua obra de vivo e alguns trabalhos postumos, carinhosamente dados à estampa pelo sr. Cândido Nazaré, atestam largamente o seu bom gôsto em arte, e a devoção ardente, entranhada, por esta terra conimbricense que aleita as musas, inspira os oleiros e os lavranjes, e do alto da sua colina sábia vai regendo com segurança as letras, as artes, e a amenidade de ideias que nos dá foros de espertos. Foi, porém, da fresca leitura deste livro, *Arte e Arqueologia*, que me veio à ideia o tema deste escripto, difficil de cometer, na parte de Coimbra, para quem como eu está embrenhado nela. As perspectivas, com efeito, faltam-me. O que interessa na cidade é a sua projecção num fundo franco, infinito, em que haja espaço para se recortarem ao mesmo tempo mil silhuetas. Então sim, que os perfis contem no ar uma lenda áurea de esforços e cada massa de

casario é a pedra branca dum feito. Mas assim, esquadrihadas no interior, as cidades mostram também a sua gesta mínima, e vê-se através da construção civil a obra de sapa que o tempo, o feíteiro, foi amoldando com materiais profusos.

Como poucas cidades, Coimbra atesta um bom passado humano. Não se descobre aqui, é certo, o tom curtido de certas urbes vetustas, em que as moles religiosas, as fundações, todo o aparato urbano é uno e sabe a velho. Salamanca, por exemplo, quasi soldada ao Tormes, é mais típica. Não a sangraram as exigências novas, o fabrilismo; deixaram-na indiferente a crispação e a pressa da vida fútil da Europa; — e, acaçapada, firme, castiça, conservou nos seus transeos o gôsto aos velhos usos e a prosápia vâ das franquias. No plaino castelhano, com suas tôrres e cleserias, não sei porque me parece uma enorme gema de ôvo que recozesse ao sol.

Já Coimbra, não senhores; não se agastou com nada. E, muito mais do que a mal-querença ao presente, de que se ufana Salamanca, falta-lhe o tom constante, o tom uniforme das casas que é lá severo e vivo.

As cidades velhas não têm apenas o interesse que lhes vem direito dos tempos: dão ao presente uma coloração muito delas e um gôsto raro e novo. Como livros iluminados, e de bom gótico, a sua leitura edifica. Para isso, porém, é indispensável que, à maneira da venerável e muito doce Coimbra, venham do bispo Paterno, e tenham assistido, senão às brigas de reis Hermerico, às partilhas mentais de estados copiosos como os de Fernando VII. Então parece que cada pedra das ruas se faz valer e armória, seus sinos são galhardos, e toda a paisagem dos cercos faz uma capa de honras que por muitas terras se arrasta. A lição que ministram, quando galgadas em bons comboios rápidos ou em automóveis macios, é a da luta do homem, do seu recente horror ao campo limpo e à selva densa e escura. A tenacidade, nelas, armou tenda: é mais intensa, mas reflui entre muros como um bichinho em casulo. Não é já a precisão do ermitério, quer para a vida santa, quer para o pensamento. A retracção não é purgatória ou alquímica: vem da cobiça de procurar da vida apenas a amêndoa ou a flor.

Espalhados no orbe, os centros burgueses são como os passos dum calvário. Há-os tão floridinhos, que até parecem aquelas estâncias rurais onde os andores descansam; mas há-os também cinzentos, dum baço languer, e são como o horto das oliveiras.

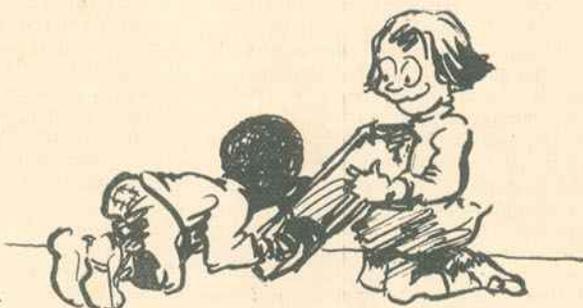
Estas considerações foram-me provocadas pelo encantador livrinho, tão bem tecido e alegre, que Quim Martins deixou sobre moimentos e ruas. É uma pena que Portugal não abunde nestas singelas miscelâneas. Cobra-se delas um voluptuoso gôsto às gárgulas, aos jardinzinhos simples, aos exiguos terreiros de lampeões fumosos, a tudo quanto esteve dependurado ou adossado a empenas de edifícios. Nêles se ama o que a mão do homem talhou para seu mimo ou uso: o friso de ornamento, e os quatro muros encaçados e toscos que se destinaram a abrigo. Depois, é destes melêdos, destes arquiteiros de matéria e engenho que as grandes urbes vivem, com êles sustentam o vulto louco ou gentil que põem na paisagem.

Paris, a luminosa, de quantos nadas é que terá formado o seu convulso arcaçoio?

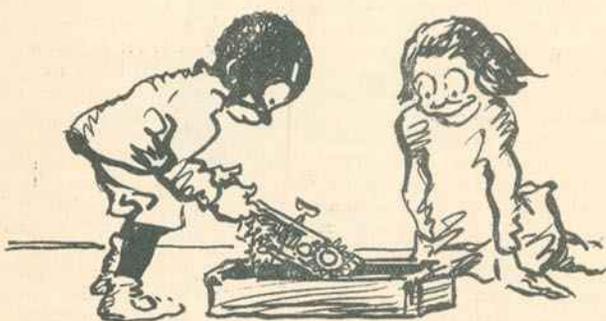
# PÁGINA INFANTIL



I— Se há coisa que intrigue a Ritinha e o Pau-Preto é o tic-tac, tic-tac do relógio, que lhes parece um passarito a cantar



II— Que terá lá dentro o relógio? — perguntam ambos.  
— Que terá lá dentro? E é cada vez maior a sua curiosidade



III— O Pau-Preto, que é muito atrevido, resolve desmanchar o relógio. Só assim, talvez, o mistério daquela voz oculta fique desvendado



IV— E logo pôs mãos à obra de destruição. Roda para aqui, rodinha para acolá, não tardou que o relógio perdesse a fala



V— Nisto, de repente, eis que a corda se desprende e vai bater nas cabeças dos dois traquinas curiosos, assoviando zz...ut, como quem diz: «Andem, peguem lá o tic-tac!»



VI— Depois desta scena, que tanto susto lhes meteu, já a Ritinha e o Pau-Preto não se atrevem a mexer nos relógios, sempre com medo de que saia de lá outra vez um tic-tac



## A MADEIRA, A ILHA ENCANTADORA

Um dos sitios que os roteiros da Madeira assinalam como dos mais magestosos e encantadores que a famosa estância do Oceano possui é o Rabaçal, imensa ravina que se abre nas serras da Calheta e onde nascem a extensa e pitoresca ribeira da Janela e duas das principais levadas que irrigam as culturas das algumas das freguesias da costa sul da Ilha. Por toda a parte se descobrem ali panoramas soberbos, tendo o homem, com o seu esforço inteligente e a sua audácia, contribuído para realçar a formosura dêsse local, em que a natureza prodigalizou fascinantes galas.

Distante umas dez léguas do Funchal e umas três da vila da Calheta, muitas estradas conduzem ali os visitantes desejosos de admirar a sua extasiante beleza, mas a que é geralmente preferida é a que parte daquela povoação e vai cortando a região alcantilada.



Vista panorâmica do Rabaçal



As Vinte-e-cinco-Fontes

Dois túneis lhe dão acesso, um denominado Furado-Velho e o outro Furado-Novo e qualquer que se escolha proporciona sempre a surpresa da mudança de cenário que se dá na passagem de uma para a outra face da serra. No interior da ravina a vegetação é mais luxuriante e variada nas suas espécies do que fora dela. Os panoramas, de mais grandiosas perspectivas, concorrem em tudo para assombrar o visitante, que, por mais useiro que seja em correr mundo e recrear os olhos em paisagens belas de muitos países, não pode ali ocultar o seu espanto e a sua deliriosa impressão.

Emergindo da viçosa tapeçaria de verdura de que o Rabaçal se reveste, acenamos carinhosamente uma pequena edificação, de bom aspecto, a que o vulgo chama as Casas das Obras Públicas. Quem siga o delicioso caminho que, despedindo do Furado-Velho, passa rente a tal edificio, não tardará em alcançar o famigerado local que o povo designa por o Risco, o mais conhecido da bela ravina. Constitui uma altíssima e escarpada rocha que dá origem à ribeira da Janela e donde, em catidupa, se despenham abundantes e cristalinas águas. Recebe-as uma levada que as conduz a irrigar as freguesias dos Prazeres, Fajã da Ovelha, Ponta do Pargo e Paúl do Mar. Iniciadas em 1835 as obras desta levada, só em 1860 obtiveram termo. Porém, já no dia 10 de Setembro as águas inauguraram o túnel do Monte das Estrebarias, para acordarem a fertilidade de muitos terrenos até à data incultos. Esse trabalho, que consumiu a nesse tempo avultada soma



O Risco

de 60,369,742, é verdadeiramente grandioso e causa a admiração de todos quantos, nacionais ou estrangeiros, o sabem avaliar.

No sopé do escarpa, cujo nome de Risco resulta dos constantes perigos a que se sujeitaram, na sua árdua labuta, os operários (humildes heróis que nenhuma epopeia cantará!), existe uma ampla concavidade ou lagoa, muito profunda, cujas águas, trasbordando, vão avolumar a ribeira da Janela. Espectáculo devéras imponente é o que se abrange do ponto em que termina o caminho que vem contornando, desde o Furado-Velho, as sinuosidades da montanha, quer a vista mergulhe no abismo que se escancara a nossos pés e em cujo fundo a ribeira segue a sua rota contente, quer o olhar se erga para as elevadíssimas e verdejante paredes rochosas que nos ficam fronteiras e donde, em cachoeira prodigiosa, as águas caem com fragor e scintilações deslumbrantes.

As Vinte-e-Cinco-Fontes são outro soberbo atractivo dêsse sitio, mas bem mais difíceis de visitar que o Risco, por causa do estreito caminho, construído à beira de precipícios, que lá conduz. Perderá, porém, muito quem desista de contemplá-lo. A paisagem aqui é mais graciosa e risonha, sem a gravidade da que caracteriza o Risco.

Ao cabo de três quartos de hora a caminho sobre o mainel da chamada Levada-Nova, encontra-se, ao vencer uma das voltas dêsse estreito passadiço, uma rocha não muito alta mas toda envolta em fetos, musgos e mais viridentes plantas, da qual, em inúmeros pontos, brotam claras e susurrantes águas, recebidas por uma lagôa que elas mesmas abriram no terreno. Os madeirenses baptisaram o delicioso lugar com a designação de Vinte-e-Cinco-Fontes, embora sejam muitos mais os jactos da linfa que ali irrompem permanentemente e acodem, por fim, a alimentar a caudalosa levada que irriga as freguesias da Calheta, Estreito da Calheta e Arco da Calheta.

Neste ligeiro artigo não há a pretensão de descrever com flagrância este formoso local da Madeira, que em todas as estações do ano é alvo da curiosidade bem justificada dos excursionistas. Não basta julgá-lo. É preciso vê-lo, para que o seu infável encanto nos penetre o espirito.

Sirvam, portanto, estas linhas, traçadas à margem das três sugestivas gravuras que publicamos, somente como estímulo a todo aquele que possa dar-se o prazer das viagens, para um dia tomar o rumo da ilha da Madeira, senhora de títulos reginaes entre as mais aprazíveis e esplendentes terras do Mundo.



FEIRA MINHOTA — Quadro a óleo do íoven e notável pintor Joaquim Lopes

(Cliché João Pavia de Magalhães)



A EVOLUÇÃO DA MODA

Os *godets* expiram. Com a chegada da primavera, que obriga a trocar os tecidos pesados e compactos pela leveza dos voiles, dos crepes, de todas essas teias transparentes, enfim, que nos seduzem no tempo quente, a moda decidiu substituir os *godets* pela graça dos franzidos. É ponto assente que este verão os folhos, e todas as combinações de franzidos, figurem largamente na toilette feminina como elemento ornamental.

A par dos franzidos, teremos os *plissés* que este ano se nos apresentarão sob os mais caprichosos aspectos, vincados pela máxima fantasia. Entretanto, é prudente pensar que as grandes originalidades, sobretudo no campo da moda, tem efêmera duração e que, portanto, será sempre prudente optar pelos plissados direitos, deitados ou em *côtes*, que se vincam a máquina e que não correm facilmente o perigo de se tornarem demasiadamente vistos. Nos três graciosos modelos que publicamos nesta página e que foram fotografados em Nice, a estação elegante por excelência, os franzidos e os pregueados substituem por completo os *godets*.

Pelo que respeita aos chapéus, a moda, por enquanto, pouco altera. Apenas as copas deixam a sua uniformidade lisa, para se rugarem em graciosas *draperies*, as quais constituem, por assim dizer, a principal ornamentação dos chapéus primaveris, que se fazem em *gras grain*, fitas de *faille* veludo, *picot* de seda, palha das Antilhas, de Itália, etc., e se guarnecem na quasi totalidade com originais disposições de fitas.



Elegante chapéu de primavera. Forma de *picot* de seda guarnecida com uma fantasia de fita.



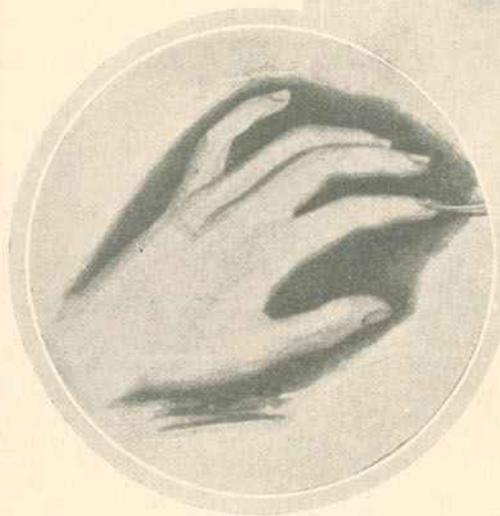
# A ELEGÂNCIA DO PENTEADO E A BELEZA DAS MÃOS

ante a qual esbarravam muitas pretensões de *chic*. Desde que se faça uma visita periódica ao cabeleireiro, que tomou sobre si a responsabilidade de trazer rigorosamente tratada e penteada a vossa cabeça, tudo irá bem; as nuças aparecerão meticulosamente escanhoadas, a cabeleira rebelde acamar-se há em cuidadas ondulações... Ostentaremos, portanto, uma cabeça *dernier cri*, sem trabalho de maior.

Mas nem todas as senhoras se resignaram — e muito sensatamente, embora essa rebeldia aos despotismos da moda lhes valesse o epíteto, sem dúvida desagradável e pouco envaidecedor, de — *botas de elástico*... — a sacrificar os seus cabelos. Isto, porém, não implica um menosprezo pelas leis da elegância moderna, as quais, essas refractárias dos progressos temerários resistem até onde lho consente o seu

**A**PRESENTAR uma graciosa cabeça artisticamente penteada segundo as indicações da última moda, é a preocupação absorvente de todas as mulheres elegantes.

É certo que a voga dos cabelos cortados, veio, em parte, simplificar o problema do penteado, que há uns dezassete annos era dificuldade séria



-se, passa-se em volta de cada unha um pedacinho d'algodão preso na ponta de uma delgada espátula, e embebido em *Ouglofile*, fig. 5.<sup>a</sup> Depois, separa-se a pele com uma espátula, e corta-se com uma tesoura, fig. 4.<sup>a</sup> Em seguida applica-se-lhe o pó e puxa-se o brilho com

o *polissoir*. Lavam-se imediatamente as mãos, enxugam-se com uma toalha felpuda e pulm-se novamente as unhas com o *polissoir*.



Mas se o penteado exige cuidada atenção à mulher elegante, a beleza das suas mãos, que devem ser brancas, finas, cuidadas como umas mãos patricias, não a preocupa menos. E como nem todas as senhoras dispõem de tempo para frequentar a miude o consultório da sua *manicure*, eis uma breve elucidação sobre a maneira de tratar as mãos: A noite, ao deitar, depois de as lavar meticulosamente com água morna e sabonete, friccionam-se demoradamente com uma mistura de glicerina e sumo de limão, em partes iguais, á qual se adiciona algumas gotas de tintura de benjoim. Enxugam-se com uma toalha e polvilham-se com pó de arroz. Duas vezes por semana, mergulham-se as pontas dos dedos durante uns cinco minutos, em água quente, enxugam-



bem equilibrado critério e o seu sentimento plástico. E, para prova de que não repudiam em absoluto essas leis, vêm-las empenhadas em sofismá-las de maneira a conciliar as exigências da moda, com a intransigência do seu gosto estético. Assim, veremos, por exemplo, nesta página, três graciosos modelos de penteados dispostos com os cabelos compridos, mas que modelam a cabeça com rara habilidade e gosto, de maneira a reduzir-lhes as proporções á pequenez e forma que caracterisa os penteados de cabelos curtos. Quanta femilidade, quanta graça harmonicamente estudada nos mostram estes três encantadores modelos de penteados absolutamente compatíveis com as determinações do mais recente *chic*!



## O DIA D'AMANHÃ



Meu amigo meu, filósofo barato, dizia-me há pouco:

— «Uma das vítimas dos horrores da paz foi aquele velho «dia d'amanhã» tão apreciado antes da guerra. Aqui para nós, era um formidável massador. Que de cousas agradáveis, que de loucuras apetecíveis, que de despesas supérfluas e, portanto, urgentemente indispensáveis nos eram vedadas por esse papão que diante dos olhos nos levantavam!

— «Pensem no dia de amanhã, nos diziam sem cessar a Prudência, o Bom Senso, a Lógica, todos esses sentenciadores que tinham a pretensão de reger o mundo.

E havia quem usasse um sobretudo seis anos e saísse à rua com a guarda-chuva da avó, quem poupasse os cigarros e só fôsse ao teatro de três em três meses, quem banalisasse até ao extremo os seus «dias d'hoje» a scismar no tal «dia d'amanhã». Foi ele que criou os mealheiros, as caixas económicas, as inscrições «sopeirinhas», os baús de cadeado, os pés de meia, etc. Havia quem não pensasse apenas no seu «dia d'amanhã», mas também no dos filhos, no dos netos. Era uma obsessão.

Sobreveiu a guerra e, enquanto milhões de homens se chacinavam para os diplomatas andarem hoje a dar a volta dos palcos do mundo a pretexto de conferências, ao ver-se desaparecerem num dia milhares de vidas e, em vista disso, milhares de outras reorganizarem-se dum modo totalmente diverso daquele em que seguiam, houve quem começasse a descrever do tal «dia d'amanhã».

— «Amanhã existe realmente? perguntaram muitos espíritos irrequietos. E, caso exista, será ele como nós o imaginamos, como o desejamos, como nos convém?

— «Qual história! respondiam irónicamente os factos.

Mas a guerra ainda foi bem bom tempo. A paz é que veio dar o golpe de morte nessa e noutras crendices absurdas. Reconheceu-se que o dia d'amanhã era uma história da carochinha, que nos contavam para estarmos quietos.

A paz principiou por alterar de cabo a cabo a concepção do dinheiro. Antigamente um vintem era um vintem, com ele se comprava uma determinada cousa e, poupado, valia um vintem vinte anos depois. Hoje um vintem, se fôr inglês, vale cinco tostões, se fôr português vale um real. O que ontem se comprava com ele custa hoje vinte vezes mais e estou pronto a oferecer o meu retrato em corpo inteiro pintado por Velasquez a quem souber dizer-me quanto valerá um vintem daqui a vinte anos. Além de que, se nem todos conseguem agora ganhar num mês o vintem que noutro tempo ganhavam por dia, há quem tenha que mandar abrir a cada instante novas janelas para deitar à rua os vintens que, sem que se saiba como, lhes caem em casa.

\*\*\*

Eu interrompi, na mesma ordem de ideias.

— «Antigamente quem tinha um vintem tinha polícia, tropa de linha, esquadrões de cavalaria

cuidado as janelas, não venha um pé de vento que os leve. E, como pode ser que dum momento para outro lhes venham quitar ou passem a valer metade, um terço ou mesmo nada, vá de gastá-los rapidamente, enquanto representam alguma cousa. Onde está o tão falado «dia d'amanhã?» Harpagão e Shylock não deixaram descendência. Os tratados de economia doméstica são hoje simples alfarrábios que se consultam com um sorriso de escárnio.

Sou ainda muito novo para saber se é assim que está bem ou se os nossos pais, herdadas as lições dos nossos avós, tinham razão. Tenho apenas trinta e quatorze anos. Deixem-me viver até aos novecentos como Mathusalem e então tirarei uma conclusão. Entretanto, constato que a vida ganhou muito em pitoresco. Há quem o não aprecie, quem precise para respirar e engordar duma atmosfera de Ordem, de Método, de Uniformidade. Não viria a Humanidade a morrer de aborrecimento se a não sacudissem, de século a século, estas convulsões? Não fará bem Jehovah, esse a quem mestre Anatole chamava o «pequeno demiurgo judeu», não fará ele bem — repito — em sacudir, de quando em quando, um planeta que tão grande tendência mostra para calçar chinelos, enfiar um barrete de borla na cabeça e sentar-se a scismar que pode recomençar no dia seguinte a sem-saboria da véspera?

Assim é o combate pelo dia, pela hora de hoje. Uns saem à rua com ideias, outros com um pé de cabra. Os fortes põem o pé no cachaço dos fracos, os novos trepam às cavaleiras dos velhos. O reboliço é geral. Uns choram; mas outros triunfam. Triunfam para às vezes serem vencidos no dia seguinte. Pouco importa. A vida é pitoresca, pelo menos.

O meu professor de história dizia às vezes:

— «Do ano tal ao ano tal não se passou nada no mundo».

E, em boa verdade, nada se tinha passado. A história do tempo d'hoje tem muito que contar. Cada dia se passa alguma cousa. Para alguns são as passadas do Algarve. Tenham paciência, esses. Noutras eras — podiam convencer-se de que eram alguém. Hoje terão a meúdo razões de concluir que, como de resto os outros também, são quasi nada, nada ou ainda menos que nada.

ANDRÉ BRUN.



...há quem tenha que mandar abrir novas janelas para deitar à rua os vintens que lhes caem em casa

e baterias de artilharia para lho guardarem. O vintem dava consideração. Ninguém o via senão com gente aceada, barba feita e snor do rosto lavado. Tirava-se o chapéu a quem tinha «o seu vintem». Além disso, era de metal e daí o seu peso.

Hoje quem tem na gaveta uma porção de cromos, em geral feios e sujos, que dizem ser «vintens» olha para eles, não acredita nunca que estejam em perfeita segurança e fecha com

o mesmo olhar de quem olha para um pedaço de papel. Hoje quem tem na gaveta uma porção de cromos, em geral feios e sujos, que dizem ser «vintens» olha para eles, não acredita nunca que estejam em perfeita segurança e fecha com

## BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA DURANTE O MÊS DE JANEIRO DE 1926

## LITERATURA

- ARAGÃO (HELENA DE) — *Sombras e claridades*. (Crônicas). — 2.ª ed. Lisboa, 1925; 157 p. 8.ª c. capa il. — 8500.
- BLASCO (MERCEDES) — *Os meus homens*. (Crônicas). — Lisboa, 1926; 180 p. 8.ª — 10500.
- BASES para a unificação da ortografia que deve ser adoptada nas escolas e publicações oficiais. 6.ª ed. — Lisboa, Imp. Nacional, 1925; 63 p. 8.ª — 2500.
- C. C. — *Cousas camilianas*. V — Maria do Adro. — Lisboa, 1926; 30 p. 8.ª — 7550.
- CAMPOS MONTEIRO — *Flôr do Tojo*. Opereta em 3 actos. — Pôrto, 1925; 112 p. 8.ª — 5500.
- CASCALHEIRA (GREGÓRIO) — *Jornada audaciosa*. (Sonetos). Carta-prefácio do Dr. João de Barros. — Lisboa, 1925; 77 p. 8.ª — 5500.
- DANTAS (JÚLIO) — *Santa Inquisição*. Peça em 4 actos e 1 quadro. 3.ª ed. — Lisboa, 1926; 176 p. 8.ª c. capa il. — 6500.
- DANTAS (JÚLIO) — *Sóror Mariana*. Peça em 1 acto. — Lisboa, 1925; 47 p. 8.ª — 3500.
- DELLY (M.) — *Por trás da cortina*. (Romance). Trad. de Aurora Jardim Aranha. — Pôrto, 1926; 350 p. 8.ª — 10500.
- EÇA DE QUEIROZ — *A Capital*. (Romance). 2.ª ed. — Pôrto, 1926; XLI, 573 p. 8.ª — 15500.
- EÇA DE QUEIROZ — *O Conde d'Abranhos*. Apontamentos biográficos e reminiscências íntimas por Z. Zagallo seu secretario particular e *A Catastrophe*. (2.ª ed.). — Pôrto, 1926; XXXI, 290 p. 8.ª c. o retr. do A. — 10500.
- FERNANDES (ALVARO) — *Via Láctea*. (Versos) — Pôrto, (s. d.); 100 p. 8.ª e capa il. por João Carlos. — 6500.
- GONÇALVES (ARMINDA) — *Visionária*. Prefácio de Manuel Ribeiro. — Lisboa, 1925; 79 p. 8.ª — 5500.
- GUIMARÃES (DELFIN) — *A Paixão de Soror Mariana*. (Sonetos). — Lisboa, 1926; 106 p. 8.ª c. capa il. — 10500.
- HELBLING (CARLOS) — *O Italiano tal qual se fala*. 3.ª ed. — Lisboa, 1925; 203 p. 8.ª — 4500.
- LOPES VIEIRA (AFONSO) — *O Romance de Amadís*. Reconstituição do Amadís de Gaula dos *Lobras* (sec. XIII — XIV). (Nova ed.). — Lisboa, 1926; 227 p. 8.ª c. capa il. e grav. — 15500.
- MALHEIRO DIAS (CARLOS) — *A Verdade Nua*. (Crônicas). 3.ª ed. — Lisboa, 1926; 275 p. 8.ª c. cap. il. — 9500.
- MEDeiros (OCTÁVIO DE) — *Affonseida*. Poema heroe-comico. — Lisboa, 1925; 126 p. 8.ª e capa il. — 10500.
- MOLIÈRE — *As Sabichonas*. Comédia em 5 actos. Versão libérrima de Antonio Feliciano de Castilho. 2.ª ed. — Lisboa, 1925; 240 p. 8.ª — 7550.
- PASSOS LIMA — *Fatal engano*. — (Romance). — Viana do Castelo, 1924; 120 p. 4.ª
- RAMALHO ORTIGÃO — *As Farpas*. Tomo II — *As Epistolais*. 3.ª ed. — Lisboa, 1926; 288 p. 8.ª — 9500.
- SÉRGIO (ANTÓNIO) — *Contos gregos*. Ilustrações de D. Raquel Gameiro. (Coleção Historias e Historietas) — Lisboa, 1925; 47 p. 8.ª — 6500.
- SIL-VAN-VAS — *Alucinações*. (Teatro Gráfico). 3.ª ed. — Lisboa, 1925; 184 p. 8.ª — 7550.
- SILVA TAVARES (DOMINGOS DA) — *A Lágrima e o beijo*. (Entreacto) — Pôrto, 1926; VIII p.
- VERDE (CESARIO) — *O Livro de...* (1873-1876). Ed. definitiva. — Lisboa, 1926; 130 p. 8.ª — 7550.
- VILA-MOURA (VISCÓNDE DE) — *O Poeta da Ausências*. (Com um desenho por António Carneiro) — Pôrto, 1926; 31 p. 8.ª

## SCIÊNCIAS A ARTES

- ABOAB (ISCHAK DE M.) — *Doctrina particular de...* Reeditada com uma nota biobibliográfica por Moses Bensabat Amzalak. — Lisboa, 1925; 7 p. 8.ª
- Anais do Instituto Superior de Agronomia. Ano II — Vol. II. — Coimbra, 1925; 412 p. 8.ª
- ANSUR (ALFREDO) — *O Jogo real*, 2.ª ed. Lisboa, 1926; 384 p. 8.ª — 20500.
- ASSOCIAÇÃO Portuguesa para o Progresso das Ciências. *Trabalhos das secções de mate-*

As livrarias AILLAUD &amp; BERTRAND

- mática, astronomia e sciências físico-químicas. — Coimbra, 1925; 221 p. 8.ª
- BARBOSA (ANTÓNIO) — *Instrumentos náuticos marítimos*. — Lisboa, 1925; 15 p.
- BESANT (ANNIE) — *Conferências teosóficas*. Compilação e versão de Fernando de Castro. — Lisboa, 1926; 131 p. 8.ª — 4500.
- BORGES GRAIHA (M.) — *Método intuitivo, logográfico e mecânico para ensinar a ler, escrever e contar*. 8.ª ed. — Lisboa, 1925; 40 p. 8.ª c. grav. — 1250.
- CARVALHO SAAVEDRA (J. C.) — *Rudimentos de física experimental*. 6.ª ed. — Lisboa, 1926; 661 p. 8.ª c. grav. — 16500.
- EPIDEMIAS (AS) — *Como combatê-las e evitá-las*. 2.ª ed. — Lisboa, Sociedade Filantrópica Internacional, (s. d.); 128 p. 8.ª c. capa il. e grav.
- GONÇALVES GUIMARÃES (DR. A. J.) — *Curso de Mineralogia e geologia segundo os novos programas dos liceus*. — I — Elementos (IV e V classes). — Braga, 1925; 164 p. 8.ª c. grav. — 15500.
- GRANDE (O) e *maravilhoso livro de S. Cipriano ou o Tesouro do feiticeiro*. — Lisboa, 1926; 304 p. 8.ª — 10500.
- LEADBEATER (C. W.) — *Os Servidores da raça humana actual*. Trad. de Fernando de Castro. — Lisboa, 1926; 38 p. 8.ª — 1250.
- MONIZ (DR. EGAS) — *O Padre Faria na história do hipnotismo*. — Lisboa, Faculdade de Medicina, 1925; 197 p. 8.ª — 20500.
- SERROSQUEIRO (JOSÉ ADELINO) — *Tratado elementar de cosmographia*, para o ensino nos liceus. 3.ª ed. — Coimbra, 1924; 243 p. 8.ª
- SILVA CORREIA (JOÃO DA) — *Livros primários de leitura* [Conferência]. — Lisboa, 1925; 39 p. 8.ª

## HISTÓRIA E GEOGRAFIA

- A. R. — *Quadros sinopticos de geografia para uso dos Liceus acompanhado de um resumo da história universal*. 4.ª ed. — Lisboa, 1926; 63 p. 8.ª — 5500.
- ALMEIDA JUNIOR — *Um Epiléptico furioso*. — Lisboa, 1925; 30 p. 8.ª — 2550.
- ALVES (FRANCISCO MANUEL) — *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*. Os judeus no distrito de Bragança. — Bragança, 1925; 211 p. 8.ª — 20500.
- ARAÚJO (NORBERTO DE) — *Portugueses em Roma*. [Crônicas sobre a peregrinação portuguesa a Roma]. — Lisboa, 1926; 217 p. 8.ª c. capa il. — 10500.
- AZEVEDO NEVES — *Augusto Rosa*. Discursos. — Lisboa, 1926; 21 p. 8.ª — 5500.
- FERNANDES (JOSÉ BENTO) — *Diário de um soldado miguelista*. Prefácio de Augusto C. Pires de Lima. — Pôrto, 1925; 32 p. 8.ª
- FREIRE (JOÃO PAULO) — *A Freguezia dos Anjos*. Apontamentos para uma monografia. — Lisboa, 1926; 43 p. 8.ª — 12550.
- MORAIS F. CASTRO (ARMANDO AUGUSTO GONÇALVES DE) — *Memória da provincia da Guiné*. — Bolama, 1925; 95 p. 4.ª c. est.
- OLIVEIRA (ALBERTO DE) — *Memórias da vida diplomática*. Portugal na conferência da Haia em 1907. — Algumas vistas da Suíça. — Portugal na América Ibérica. — Lisboa, 1926; 431 p. 8.ª c. est. — 30500.
- PEREIRA DO RIO (JOÃO) — *Memórias do parque de S. João da Ponte*. (Esboço histórico e descritivo). — Braga, 1925; 28 p. 16.ª c. o retr. do A. — 1500.
- PISNEIRO CHAGAS (MANUEL). — *Migalhas de história portuguesa*. 2.ª edição. — Lisboa, 1925; 270 p. 8.ª c. capa il. — 6500.
- REBELO DA SILVA (L. A.). — *A Mocidade de D. João V*. 5.ª ed. — Lisboa, 1926; 2 vol. 8.ª — 15500.
- SCHURHAMMER (G.) — *Um Documento inédito sobre Fernão Mendes Pinto*. — Lisboa, 1926; 8 p. 8.ª
- SOUSA GUIMARÃES (J. DE). — *Erros da história*. (Lições a meus filhos). — Porto, 1925; 307 p. 8.ª — 12500.

## RELIGIÕES

- CARVALHO (P. ALEXANDRE DE), adaptador — *A Teresinha*. (Beata Teresa do Menino Jesus e

da Santa Face). Esboços biográficos. — Porto, 1926; 296 p. 8.ª c. capa il. e grav.

RUTHERFORD (JUIS J. F.) — *Milhões que agora vivem jamais morrerão*. — Lisboa, 1925; 64 p. 8.ª

## BELAS ARTES

- CONSTANTINO FERNANDES. *In Memoriam*. 1878-1920. Contém 4 originais (águas-fortes), 34 heliogravuras e 2 fotografuras. — Lisboa, 1925; 129 p. 4.ª — 200500.
- FERRERIA (MOSS. JOSÉ AUGUSTO) — *Os túmulos do mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde*. — Pôrto, 1925; 43 p. 8.ª il. — 15500.
- GAMEIRO (ROQUE) — *Lisboa velha* — Ilustrações. Prefácio de Afonso Lopes Vieira. Tomos I e II. — Lisboa, 1925; — cada tomo 20500.

## NUMISMÁTICA

HELESO (MANUEL) — *Do Estudo e origem da moeda*. Lição de abertura da cadeira de Numismática. — Lisboa, 1924; 40 p. 8.ª c. est. — 5500.

## SCIÊNCIAS CIVIS

- INDÚSTRIAS INSALUBRES — *Substâncias explosivas*. Vários decretos e portarias. — Lisboa, Imp. Nacional, 1925; 203 p. 8.ª — 15500.
- Lei sobre a caça, e outros diplomas regulamentares em vigor. 4.ª ed. — Lisboa, Imp. Nacional, 1925; 27 p. 8.ª — 5500.
- MORGADO (A.) — *Guia policial com o Roteiro de Lisboa*. 4.ª ed. — Lisboa, 1926; 150 p. 16.ª — 8500.
- PEREIRA NUNES (VÍTOR AUGUSTO) — *Comentários à lei de protecção dos filhos*. Doutrina — Jurisprudência — Legislação comparada. — Lisboa, 1925; 390 p. 8.ª — 20500.
- SOCIEDADES comerciais e de seguros. Bases para a sua constituição e fiscalização. 4.ª ed. — Lisboa, Imp. Nacional, 1925; 208 p. 8.ª — 15500.
- TUTORIA da Infância e Serviços Juridicionais e tutelares de menores. Decretos e portarias. — Lisboa, Imp. Nacional, 1925; 143 p. 8.ª — 10500.
- XAVIER DA SILVA (RODOLFO). — *Crime e prisiones*. — Lisboa, 1925; 295 p. 8.ª c. capa il. e grav. — 15500.

## CAMONIANA

RODRIGUES (DR. JOSÉ MARIA) — *Lição inaugural da cadeira de estudos camonianos*. Importância e dificuldades destes estudos. — Coimbra, Imp. da Universidade, 1925; 31 p. 4.ª

## POLIGRAFIA

- ALMANAQUE de «A Batalha» para 1926. — Lisboa, 1926; 192 p. 8.ª — 6500.
- ALMANAQUE de Fafe, ilustrado. 1926. — Fafe, 1926; 126 p. 8.ª
- ALMANAQUE de «O Missionário Católico» para 1926. — 1926; 132 p. 8.ª c. capa il. e grav.
- ALMANAQUE do «Jornal de Notícias». 1926. — Pôrto, 1926; 288 p. 8.ª c. grav.
- ALMANAQUE Popular Católico. 1926. — Pôrto, 1926; 64 p. 8.ª c. capa il. e grav.
- KALENDARUM Ecclesiasticum Viseense. 1926. — Viseu, 1925; 59 p. 4.ª

## REVISTAS RECEBIDAS

## PELA «ILUSTRAÇÃO»

- BROTÉRIA — *(Fé, Ciências, Letras)*. Caminho. DIÓNYSOS — *(Filosofia, Ciência e Arte)*. Pôrto. GUERRA (A) — *(Orgão dos combatentes da Grande Guerra)*. Lisboa. LABOR — *(Revista do Liceu Vasco da Gama)*. Aveiro. LUSITANIA — *(Revista de estudos portugueses)*. Fascículo do Natal (VIII). Lisboa. É este um dos mais notáveis da coleção. PORTUGALIA — *(Cultura, tradição e renovação social)*. Lisboa. REVISTA ILUSTRADA de todos os sports. Lisboa. SCIÊNCIA E INDÚSTRIA. — Lisboa. SEARA NOVA. — Lisboa. VASCO DA GAMA — *(Pedagogia e cultura)*. — Lisboa.

vão gratuitamente todas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas

**REBELLO  
DE ANDRADE & ALCOBIA L<sup>DA</sup>  
LARGO DO CARMO 15  
LISBÔA**

**CONSTRUÇÕES DECORAÇÕES MOBILIARIO**

<p><b>PROJECTOS DE ARQUITECTURA</b></p>	<p><b>ARTIGOS DE DECORAÇÃO</b></p>
---	--

## JOALHARIA DO CARMO

JOIAS

PRESENTES



E

PARA

PRATAS

ANIVERSÁRIOS

E

ARTÍSTICAS

CASAMENTOS



SEDE NO PORTO: RUA 31 DE JANEIRO, 53

TELE } GRAMAS: AUREARTE  
      } FONE: 1160

FILIAL EM LISBOA: RUA DO CARMO, 87-B

TELE } GRAMAS: AUREARTE  
      } FONE: N. 1360

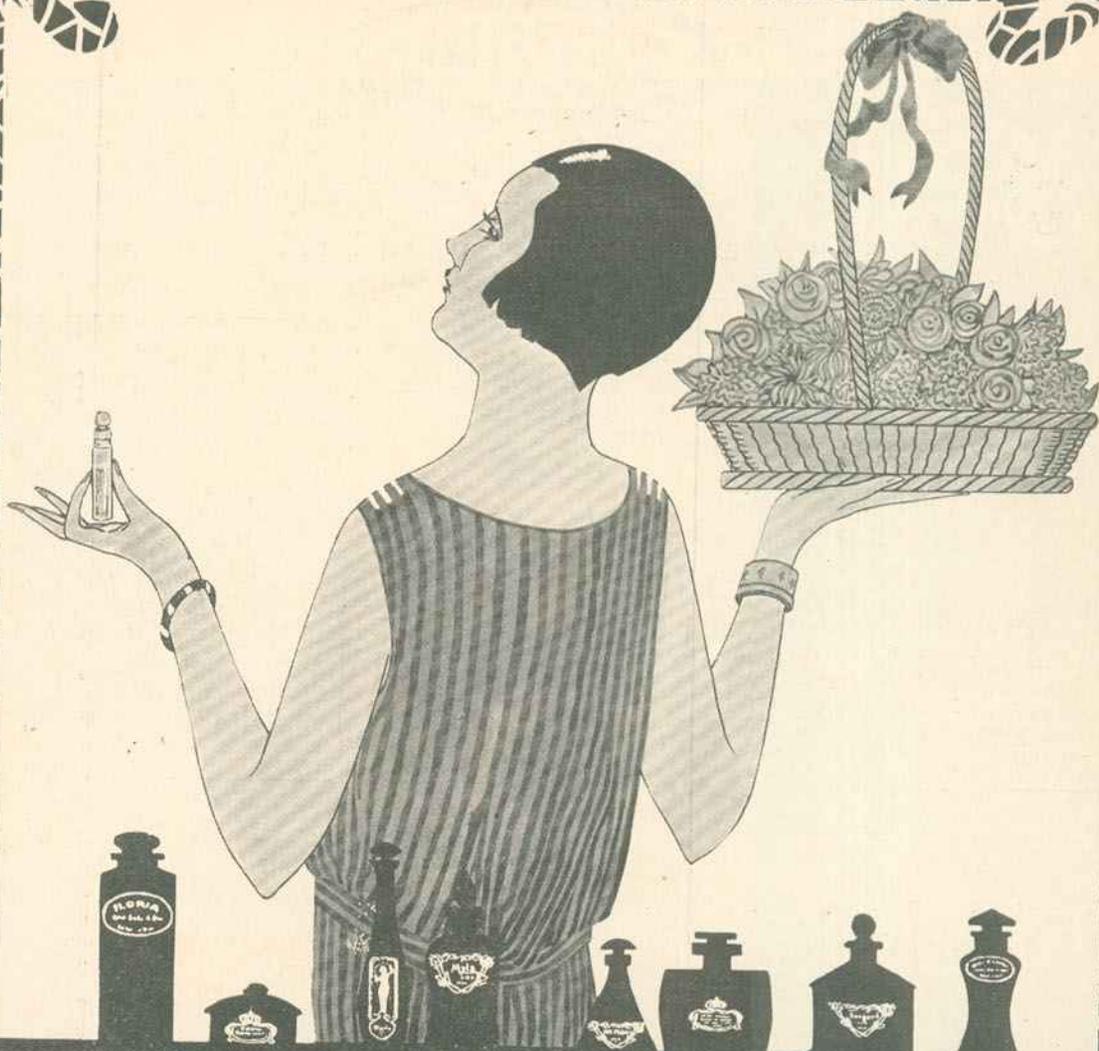
## CIGARROS ARAKS



EGIPCIOS DA MAIS FINA QUALIDADE  
E AROMA

A venda em tôda a parte

Importadores: V. Contreras & Filho  
R. 1.º de Dezembro, 7



Use diariamente os produtos  
**RAINHA DA HUNGRIA**  
 e todos os da  
**ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA**

Massagem estética. Manual e vibratória. — Tratamentos de alta frequência. — Pintura dos cabelos. Ondulação Marcelle e permanente com o aparelho GALLIA. — Manucure.

LISBOA

AVENIDA DA LIBERDADE, 23

Tele { fone: NORTE 3641  
 } gramas: BELLEZAK

RIO DE JANEIRO

RUA 7 DE SETEMBRO, 166

Tele { fone: CENTRAL 1701  
 } gramas: BELLEZAK

**RECORD**



— O mais prático aparelho para limpeza. Bom entre os bons, e o mais barato.  
— Peça uma experiência aos Representantes



V. RIBEIRO DA CUNHA  
RUA DO COMERCIO, 28, 1.ª — LISBOA  
TEL.: CENTRAL 4366

# AUTOMOVEIS

R. E. O. (RIO)

Marca Americana das mais acreditadas e já bem conhecida em Portugal onde o primeiro carro está prestado serviço há 18 annos!  
Referências notáveis dos seus possuidores.  
Fabricado completamente na grande Companhia R. E. O. com aços perfeitamente iguais aos que emprega a famosa fábrica ROLLS-ROYCE.

CAMIONETTES "SPEED WAGON" — R. E. O.

(Nome registado em todo o Mundo)

PELOS SEUS MARAVILHOSOS RESULTADOS, podem fazer competência ás tarifas dos Camións de Ferro mesmo com as estradas como estão.  
As últimas 7 remessas foram vendidas sem nunca conseguirmos poder ter uma em exposição. São os possuidores que fazem as vendas.

A Inglaterra importa mais de mil camionettes por anno.  
Dentro em pouco hão de dominar por completo o mercado Português.  
Para as Minas de S. Domingos (Alentejo) para onde foi a primeira para experiência já foram 3, duas delas para o mesmo comprador.  
A VACUUM OIL COMPANY também as adquiriu para serviço tanto em Lisboa como para a sua sucursal de Malhorca.

MARCA DE ABSOLUTA CONFIANÇA

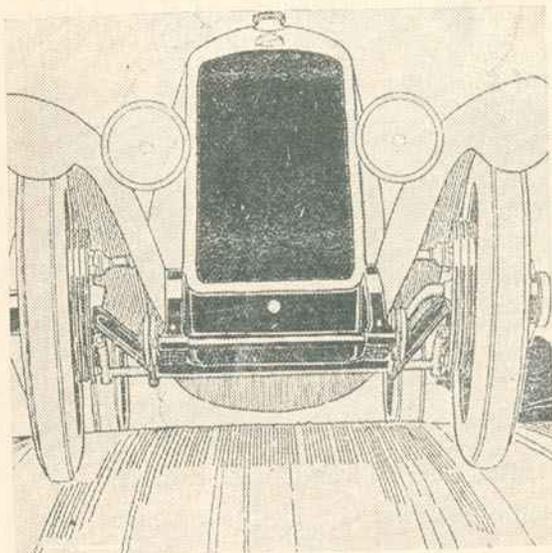
PEUGEOT

A marca mais victoriosa, mais antiga e de maior fama.  
Pioneiro de automobilismo, ha 35 annos que construiu o primeiro carro. A primeira corrida de automoveis (1891) foi ganha por PEUGEOT. Em 1903 ganhava em Inglaterra o primeiro premio contra 140 marcas concorrentes (Reability Trials). Depois uma serie ininterrupta de victorias marca a venda da mais gloriosa das marcas de automoveis, orgão da França e da industria Francesa.

Os seus formosissimos motores sem válvulas de 12 e 18 cavalos são a quinta essencia da construção no genero.  
Obtiveram 4 vezes a "TARGA FLORIO" na Italia, e ganharam definitivamente a "COUPE FLORIO" disputada durante 20 annos na mais dura prova do Mundo (4.500 viragens). Alem destas ganharam o "GRAND PRIX DE TOURISMO" em 1923, 1924 e 1925 e o "TOUR DE FRANCE" dos mesmos annos (este com os 5 e 10 cavalos).

Há poucos meses UM SO CARRO DE 18 CAVALOS com o pequeno motor 95x135, igual ao que se vende ao publico, bateu na Suissa mais de 500 CONCORRENTES numa prova de 24 kilometros de ingreme rampa. Entre os concorrentes contavam-se 2 carros MERCEDES do dobro da capacidade e com injecção forçada, considerados como os principais favoritos da prova.

Comprei pois um PEUGEOT e teres adquirido o automovel que melhor vos servirá, porque são os mais solidos, mais velozes e mais economicos.



AGENTES GERAIS:  
A. CONTRERAS, L.<sup>DA</sup>  
AVENIDA DA LIBERDADE, 119  
LISBOA

# POMPADOUR

Esta série de perfumarias constitui o  
: : nosso orgulho de fabricantes : :

TOMÁS MENDONÇA, FILHOS, L.<sup>DA</sup>

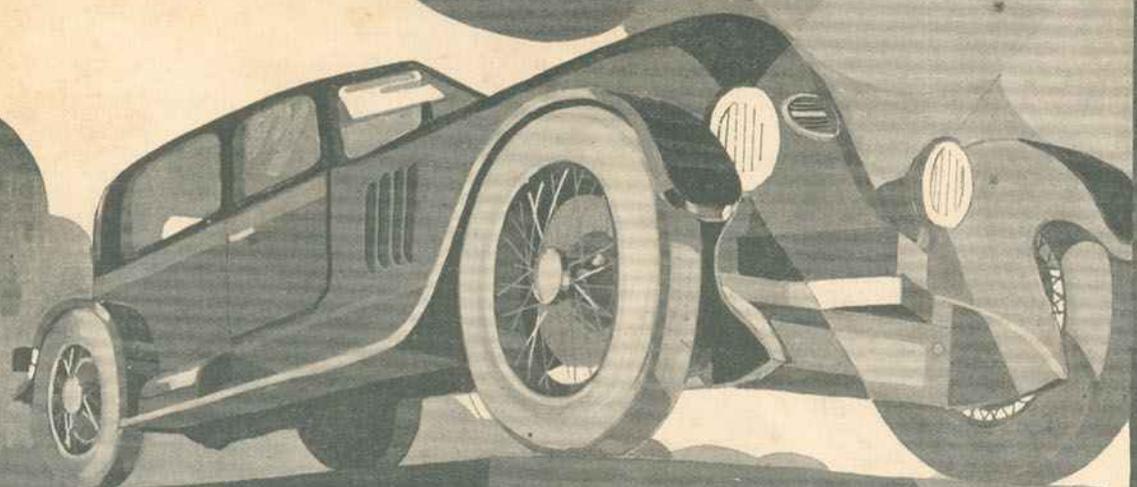


## PERFUMARIA MENDONÇA

Telefone: Trindade 105

CALÇADA DO COMBRO, 47—LISBOA

# Renault



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMOVEIS, L.<sup>DA</sup>  
**AUTO-PALACE**

GARAGE: Rua Alexandre Herculano

Agentes exclusivos:  
RENAULT, DE DION BOUTON, ISOTTA FRASCHINI,  
HUDSON e ESSEX